

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
FACULDADE DE ECONOMIA**

Danielle Chaves de Oliveira

**PERFIL EDUCACIONAL E OCUPACIONAL DOS JOVENS
DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DE CASO DAS
FAVELAS DO COMPLEXO DE ACARI**

**Niterói
2006**

DANIELLE CHAVES DE OLIVEIRA

PERFIL EDUCACIONAL E OCUPACIONAL DOS JOVENS DO RIO DE JANEIRO: UM
ESTUDO DE CASO DAS FAVELAS DO COMPLEXO DE ACARI

Monografia apresentada ao Curso de Economia da
Universidade Federal Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em
Economia.

Orientadora Prof. Hildete Pereira de Melo H. Araújo

Niterói
2006

DANIELLE CHAVES DE OLIVEIRA

PERFIL EDUCACIONAL E OCUPACIONAL DOS JOVENS DO RIO DE JANEIRO: UM
ESTUDO DE CASO DAS FAVELAS DO COMPLEXO DE ACARI

Monografia apresentada ao Curso de Economia da
Universidade Federal Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em
Economia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Hildete Pereira de Melo H. Araújo – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof. Leonardo Marco Muls
Universidade Federal Fluminense

Prof. Carlos Pinkusfeld Monteiro Bastos
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2006

RESUMO

A questão da “exclusão juvenil” hoje faz parte de uma das maiores preocupações da sociedade, dos governos e dos organismos internacionais mais respeitados. São várias as razões para tal fato, mas a inadequação da educação oferecida aos jovens diante das novas exigências do mercado e as elevadas taxas de desemprego e subemprego juvenil são de fato as que despontam como fator de maior relevância. Sendo assim, tornou-se de fundamental importância para elaboração deste trabalho, analisar a situação dos jovens pobres e de baixa escolaridade. Neste contexto, foi traçado o perfil educacional e ocupacional da população jovem, compreendida entre 15 e 24 anos, de duas favelas do Complexo de Acari e estudou-se a relação educação-renda de tais jovens, relacionando-a com os níveis educacionais e ocupacionais de seus pais. Através da análise dos dados colhidos, pretende-se provar que políticas públicas direcionadas acabam por conseguir maiores e melhores resultados quando são aplicadas com foco na educação e, principalmente quando o público atendido está em processo de formação, o que é o caso dos jovens.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – CARACTERÍSTICA E EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO JOVEM NO BRASIL E NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.....	06
1.1 – Considerações sobre o Conceito de Jovens no Brasil	06
1.2 – O Problema da Educação e do Trabalho no Brasil	09
1.3 – O Perfil do Jovem do Município do Rio de Janeiro	11
CAPÍTULO 2 – OS JOVENS NO BAIRRO DE ACARI: FAVELA E “ASFALTO”	20
2.1 – Histórico de surgimento das favelas da Cidade do Rio de Janeiro	20
2.2 – Histórico das Comunidades: Vila Rica de Irajá e Parque Acari.....	23
2.3 – Perfil do Jovem do Bairro de Acari	25
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS JOVENS NAS COMUNIDADES DO COMPLEXO DE ACARI	34
3.1 – A questão educacional	42
3.2 – A questão do Trabalho e da Renda	52
3.3 – Mobilidade Intergeracional	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
ANEXO – Questionário utilizado na pesquisa	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

Introdução

Após vários períodos de crises e recessões econômicas vividas na década de 1980, o Brasil e outros países do mundo passaram a dar um enfoque especial à questão da juventude, em especial da educação oferecida aos jovens. A “exclusão juvenil” hoje faz parte de uma das maiores preocupações da sociedade, dos governos e dos organismos internacionais mais respeitados. São várias as razões para tal fato, mas a inadequação da educação oferecida aos jovens diante das novas exigências do mercado e as elevadas taxas de desemprego e subemprego juvenil são de fato as que despontam como fator de maior relevância.

Diante disto, é de fundamental importância para elaboração deste trabalho, analisar a situação dos jovens pobres e de baixa escolaridade, visto que neste grupo, há uma exclusão estendida, segundo afirma Madeira (1998). Eles não possuem emprego nem rendimentos próprios e com isso não possuem condições de vivenciar sua própria juventude, nem motivação e disposição para elaborar projetos para vida adulta.

A pouca atenção que foi dada à questão da juventude, no governo FHC (1995-1998 e 1999-2002), foi inversamente proporcional à relevância política e social que ela teve nas sociedades em geral, e na nossa em especial, o que resultou numa situação preocupante no que diz respeito ao mercado de trabalho para os jovens.

Sendo assim, diante a crescente dificuldade encontrada, o atual governo Lula (2003 em diante) implantou projetos específicos aos jovens e conseguiu que 600 mil jovens voltassem a estudar devido aos programas sociais. O avanço se deu com a criação do ProUni¹ e a implantação de dez universidades públicas, de 48 extensões universitárias e 32 escolas

¹ O ProUni - Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. No seu primeiro processo seletivo, O ProUni ofereceu 112 mil bolsas em 1.142 instituições de ensino superior de todo o país. Nos próximos quatro anos, o programa deverá oferecer 400 mil novas bolsas de estudos.

técnicas. Tal medida ajudou a aumentar de 8 para 9 anos o tempo de permanência dos alunos na escola e a aprovação do Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ensino Básico (Fundeb)², que aumentará em dez vezes os investimentos na educação. Além das ações na área educacional, o governo conta também com o programa Meu Primeiro Emprego, que visa inserir os jovens em situação de risco ou vulnerabilidade social no mundo do trabalho. Frente a esta realidade, reitera-se o papel do Estado na elaboração de políticas de incentivo ao aumento da escolaridade e de inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Neste contexto, o meu estágio no projeto Orientação para Integração Econômica (OIE) da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, de maio de 2004 a abril de 2005, permitiu meu contato direto, quase que diário, com moradores de favelas, e serviu de base para observação das dificuldades e anseios dessa população.

O OIE é um componente do programa Favela Bairro Social que visa estimular e acompanhar profissionais desempregados ou empregados de forma precária, no desenvolvimento de atividades de geração de renda, seja no mercado formal ou informal. Sendo assim, a política do Município do Rio de Janeiro (gestão do Prefeito César Maia 2001-2004 e 2005 em diante) servirá como base para análise dos dados à medida que dela saiu meu interesse pelo tema juventude.

O trabalho será baseado nos microdados do Censo Demográfico de 2000, que obtive com a ajuda do Núcleo de Monitoramento, Avaliação e Pesquisa da ONG Viva Rio, coordenada pelo Estatístico Luis Eduardo Guedes, e do qual me utilizei para elaborar as tabelas do Censo demográfico de 2000. Também foi feita uma pesquisa com os jovens das comunidades de Acari para compor o perfil educacional e ocupacional dos mesmos.

² O FUNDEB será constituído por 20% de uma cesta de impostos e transferências constitucionais de estados e municípios e de uma parcela de complementação da União, vai atender 47,2 milhões de alunos da educação básica (infantil, fundamental, média, de jovens e adultos e especial). A emenda que cria o Fundeb prevê vigência de 14 anos, de 2006 a 2019.

Os dados utilizados para realizar o perfil sócio-econômico das comunidades foram obtidos através de pesquisa de campo, seguindo os critérios adotados no Projeto Orientação para a Integração Econômica (OIE) da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Algumas alterações foram feitas na versão original do questionário sócio-econômico para que fosse possível atingir o objetivo proposto. Na ocasião da aplicação dos novos questionários, retornei a comunidade e obtive apoio dos Agentes Comunitários da Prefeitura, que foram fundamentais para minha livre movimentação na área pesquisada.

O questionário, Perfil Econômico Individual (PEI), utilizado pelo Projeto OIE e posteriormente adaptado para as questões propostas, foi elaborado com base em questões similares a PNAD³ e encontra-se anexo ao final do presente trabalho. A amostra de 177 questionários utilizada, apesar de válida em termos numéricos, não pode ser considerada representativa em termos probabilísticos, uma vez que os dados coletados correspondem à demanda espontânea de interessados em responder ao questionário, ou seja, não seguiu nenhuma metodologia de pesquisa estatística e, portanto, não pode ser considerada como base de informações para tal, tendo o propósito apenas de realizar um primeiro diagnóstico do perfil dos jovens de tais comunidades.

As informações levantadas nestes perfis servem como uma primeira base para a identificação de atividades econômicas e serviços que podem ser desenvolvidos na comunidade, e serve de parâmetro para futuras intervenções do poder público. O perfil tem o objetivo de levantar dados pessoais, características econômicas familiares, dados residenciais, dados de escolaridade, trabalho e renda.

³ **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/IBGE** - é realizada anualmente, menos nos anos censitários, investigando, de forma permanente, os temas habitação, rendimento e trabalho, associados a aspectos demográficos e educacionais e, com periodicidade variável, geralmente por meio de pesquisas suplementares, outros assuntos de caráter demográfico, social e econômico.

O objetivo deste trabalho será traçar o perfil educacional e ocupacional da população jovem, compreendida entre 15 e 24 anos, do Complexo de Acari⁴, e estudar a relação educação-renda de tais jovens, relacionando-a com os níveis educacionais e ocupacionais de seus pais. Busca-se conhecer a composição dos jovens dessas comunidades ao fazer a relação escolaridade x ocupação, e comprovar a tese de que, em contextos de extrema pobreza, com uma maior escolaridade, os rendimentos aumentam e, conseguir assim evidenciar o fato de que, nas comunidades carentes a escolaridade rompe com a pobreza. Através da análise dos dados colhidos, se pretende provar que políticas públicas direcionadas conseguem maiores e melhores resultados quando são aplicadas com foco na educação e, principalmente quando o público atendido está em processo de formação, o que é o caso dos jovens.

Para isso, a monografia está dividida em três partes:

O capítulo 1 apresentará as características e evoluções da população jovem do Brasil e do Município do Rio de Janeiro. Com os microdados rodados e as tabelas elaboradas por mim, serão traçados os perfis dos jovens brasileiros e cariocas e será dada a apresentação do problema educacional e de geração de renda por parte destes jovens.

O capítulo 2 fará um estudo de caso das duas favelas selecionadas do Complexo de Acari – Vila Rica de Irajá e Parque Proletário de Acari, comunidades que possuem dinâmica e cultura próprias e apresentará o histórico do surgimento e de desenvolvimento das favelas. Será realizado um breve estudo do papel que as mesmas têm no cenário sócio-econômico da cidade. Neste capítulo também estará inserida a metodologia de pesquisa utilizada para a aplicação dos questionários em tais jovens e os possíveis problemas devido ao fato dela ser apenas uma amostra. Serão utilizados os dados do Censo demográfico de 2000 para traçar o perfil dos jovens do Bairro de Acari.

⁴ Compreende-se por esta área as comunidades: Vila Rica de Irajá e Parque Acari. Comunidades de baixa renda situadas no Bairro de Acari, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Apesar da comunidade Vila Esperança também pertencer a tal área, a mesma não foi incluída na pesquisa por ser pequena e recente, e não pertencer ao bairro de Acari, e sim ao bairro de Irajá, segundo dados do Instituto Pereira Passos.

No terceiro capítulo utilizarei os dados primários colhidos por mim, com o objetivo de traçar o perfil socioeconômico dos moradores das favelas do complexo. Verei o segundo bloco do questionário concernente à questão educacional. E também será feita uma análise da última parte do questionário, que fala da questão do trabalho e da renda, sendo feitas às devidas considerações a respeito dos dados dos pais dos jovens entrevistados, para que se possa analisar a questão da mobilidade.

A finalidade do presente trabalho é fazer uma análise da questão da mobilidade, da questão educacional e da geração de renda nas comunidades acima citadas. Com isso pretende-se verificar que a educação pode romper com a pobreza intergeracional e aumentar as chances de entrada no mercado de trabalho.

CAPÍTULO 1 – CARACTERÍSTICA E EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO JOVEM NO BRASIL E NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

1.1 – Considerações sobre o Conceito de Jovens no Brasil

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, o contingente populacional de jovens brasileiros na faixa etária de 15 a 24 anos é de 34,1 milhões. Muito embora os efetivos absolutos tenham crescido no período de 1940 a 2000, o ritmo de crescimento experimentou um paulatino processo de desaceleração a partir da década de 1970.

A dinâmica populacional dos jovens reflete os processos que vêm ocorrendo, principalmente nas três últimas décadas, e que tem afetado a estrutura etária da população brasileira. Sendo assim, a desaceleração no ritmo de crescimento é consequência da intensa e continuada queda da fecundidade. O impacto desse processo resulta num aumento absoluto da população que vai engrossando as faixas etárias seguintes – fenômeno caracterizado como “onda jovem” (Madeira e Bercovich, 1992) – tanto pela queda da fecundidade quanto pelo decréscimo da mortalidade infantil. (Pereira e Oliveira, 1998). A diminuição da participação relativa no total da população brasileira expressa, em contrapartida, o aumento do peso dos outros grupos etários, em especial o dos idosos. (Berquó, 1996).

Nota-se no último censo uma mudança na composição por sexo, já que os últimos censos demográficos apontavam um contingente mais elevado de mulheres relativamente ao de homens. E apontavam como causa o fato dos riscos de mortalidade incidir com mais intensidade sobre as pessoas do sexo masculino, particularmente nos contextos urbano-metropolitanos entre a população masculina de 15 a 19 anos. Isto estava diretamente associado às mortes por causas externas.

No que tange a composição por cor é importante ressaltar também uma modificação, já que os dois últimos censos mostravam um percentual maior de negros (compreendia-se os

pretos e os pardos juntos) em relação aos brancos. No censo de 2000 podemos constatar que a razão de brancos tornou-se novamente maior, mesmo com a forte campanha por parte dos movimentos de conscientização dos negros (pretos e pardos).

**Tabela 1: Perfil dos jovens de 15/ 24 anos - Brasil - 2000
Segundo idade, sexo e cor ou raça**

PERFIL DOS JOVENS DO BRASIL			
		Total	
		N	%
Faixa etária	De 15 a 24 anos	34092224	100,0
Sexo	Masculino	17076453	50,1
	Feminino	17015771	49,9
Cor ou Raça	Branca	17 359 231	51,3
	Preta	2 169 448	6,4
	Amarela	125469	0,4
	Parda	14041462	41,5
	Indígena	145493	0,4

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Na Tabela 2 podemos perceber que com relação ao índice de alfabetização a população de cor branca apresentou uma situação melhor, com uma parcela de 52,2% dos alfabetizados. Os pardos apresentaram também um desempenho satisfatório, ficando estes com o percentual de 40,2 tendo em vista que seu contingente é de quase quatro milhões de jovens a menos que o grupo anterior. Já, se formos analisar a população que “não sabe ler nem escrever” observamos que os pardos lideram o grupo com 59,2%. Um dos fatores que explica tal número é que o percentual de jovens pardos neste grupo é superior a 50% dos dados colhidos. Constatamos então que o grupo dos negros apresenta o total de 69,8% da população que não é alfabetizada, e representa apenas 47,6% do universo dos jovens, reiterando assim a dívida cultural brasileira junto aos afro-descendentes.

**Tabela 2: Índice de alfabetização dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça
Brasil – 2000**

		BRASIL					
		Sabe ler e escrever				Total	
		Sim		Não			
		N	%	N	%	N	%
Cor ou Raça							
	Branca	16870332	52,2	488899	27,7	17 359 231	50,9
	Preta	1982431	6,1	187018	10,6	2 169 449	6,4
	Amarela	122912	0,4	2557	0,1	125469	0,4
	Parda	12997764	40,2	1043699	59,2	14041463	41,2
	Indígena	122834	0,4	22659	1,3	145493	0,4
	Sem declaração	233620	0,7	17500	1,0	251120	0,7
	Total	32329893	100,0	1762332	100,0	34092225	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

De acordo com os dados abaixo podemos verificar que 54,6% dos jovens do sexo masculino possuem até sete anos de estudo. O quadro se inverte no que se refere ao sexo feminino, com as mulheres apresentando um melhor desempenho educacional, estando 45,4% desta população abaixo da faixa de sete anos de estudo (Tabela 3).

Porém, independente do sexo analisado, percebemos pelos dados apresentados na Tabela 3, que somente 50,2% dos jovens brasileiros possuem mais de sete anos de estudo, ou seja, mais que o 1º segmento do Ensino Fundamental. E como a disputa por um lugar no mercado de trabalho está cada vez mais acirrada e as exigências vão além do ensino Fundamental, a dificuldade de acesso ao trabalho se agrava nos grupos de menor escolaridade e se transforma, na maior parte dos casos, em uma exclusão estendida.

**Tabela 3: Faixa de até 7 anos de estudo dos jovens de 15/ 24 anos por sexo
Brasil – 2000**

		BRASIL					
		Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		Total	
		N	%	N	%	N	%
Sexo							
	Masculino	9 268 133	54,6	7 808 319	45,6	17 076 452	50,1
	Feminino	7700274	45,4	9315496	54,4	17015770	49,9
	Total	16 968 407	100,0	17123815	100,0	34092222	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

1.2 – O Problema da Educação e do Trabalho no Brasil

Quando paramos para analisar as dificuldades que os jovens enfrentam relacionadas ao acesso a educação e aos postos de trabalho, encontramos uma gama de possíveis problemas.

Um deles é que com a queda do crescimento econômico, acentuou-se a assimetria entre as empresas e os trabalhadores, com os últimos perdendo poder de barganha.

Segundo Carneiro (2005), a evolução da economia brasileira a partir dos anos 1990, sob a égide das políticas liberais, reforçou as fragilidades inerentes à condição do subdesenvolvimento. No plano nacional foi ampliada a vulnerabilidade em razão da deterioração da qualidade da articulação externa, produtiva e financeira e, ao mesmo tempo, promoveu-se uma regressão da estrutura produtiva. No plano social, observou-se um aumento da heterogeneidade, presente na elevação do patamar da taxa de desemprego, na piora da distribuição da renda funcional e estagnação da pessoal e no menor acesso da população aos bens públicos. No âmbito das políticas econômicas, as aberturas, comercial e financeira, e as privatizações tiveram papel decisivo na reafirmação do atraso produtivo.

Outra dimensão relevante das políticas postas em prática nos anos 1990 foi a precarização dos mecanismos de coordenação da economia. Assistiu-se a um duplo processo: de privatização e de desnacionalização da propriedade das empresas. Isso tornou as decisões de investimento mais dependentes de decisão privadas e estrangeiras.

Cada vez mais a lógica tradicional do emprego permanente, estável, bem remunerado e de plena dedicação começou a ceder terreno a um novo modelo, marcado pela grande mobilidade entre postos de trabalho, dentro de uma empresa e entre empresas, alternando períodos de emprego e desemprego, em condições dependentes ou independentes (conta-própria), tanto no setor estruturado como naquele não estruturado da economia.

Nesse sentido, se torna necessário um conjunto de políticas dirigidas à redução da heterogeneidade social. A primeira diz respeito à elevação do piso básico de salários, o salário mínimo. Adicionalmente, a ampliação do salário mínimo também teria impacto significativo na redução da pobreza em razão do seu papel como padrão mínimo de remuneração de várias políticas assistencialistas. Em paralelo ao salário mínimo, é necessário também ampliar o acesso à propriedade através da sua democratização.

E por fim, seria essencial ampliar o acesso da população, em particular dos mais pobres, aos bens públicos essenciais e de qualidade, como saúde, educação, habitação, saneamento e transporte coletivo. Essas atividades, além de melhorarem o padrão de vida dos mais pobres, têm um impacto significativo no emprego, pois são todas intensivas em mão-de-obra. A implantação simultânea das três políticas teria a capacidade de influir nas várias dimensões da heterogeneidade social: emprego, distribuição de renda e da riqueza e acesso a bens públicos, contribuindo decisivamente para reduzi-la.

Não basta superar o marasmo econômico e o atraso produtivo e tecnológico oriundos de mais de uma década de políticas liberais. É preciso também corrigir os erros do passado e, em simultâneo ao fortalecimento da sustentabilidade do crescimento, garantir a redução da heterogeneidade social através de políticas específicas que vão muito além das políticas focalizadas que visam assegurar um mínimo aos que foram excluídos do processo de desenvolvimento. (CARNEIRO, 2005, p. 37)

Sendo assim, tendo em vista o papel decisivo que se atribui à educação, as reformas educacionais ocupam lugar de destaque nas políticas sociais. Segundo dados da Cepal (1993) tem crescido na América Latina o gasto com educação. As reformas em curso nos diversos países procuram atacar, simultaneamente, a qualidade, a equidade e a pertinência dos conteúdos. No caso das políticas públicas mais vinculadas ao mundo do trabalho, as mudanças são profundas no que diz respeito tanto à sua natureza quanto à sua extensão. Neste sentido, a formação profissional quer deixar de ser uma formação destinada a ocupações fixas e específicas no mercado de trabalho, transformando-se numa formação cada vez mais

polivalente, com a finalidade de facilitar a adaptação dos trabalhadores aos desempenhos sempre mutantes do mercado de trabalho em geral.

A polêmica que se forma a partir deste tema está ligada aos elevados níveis de desigualdade social. Apenas uma minoria tem acesso a uma educação de qualidade, e a educação oferecida pelo governo está muito aquém da oferecida pelo setor privado.

Ricardo Paes de Barros e Rosane Mendonça (1995) argumentam que se os diferenciais de salários por nível educacional fossem eliminados, tudo o mais permanecendo constante, a desigualdade salarial no Brasil declinaria de 35 a 50%, mostrando que a contribuição da educação é consideravelmente maior do que a contribuição de qualquer forma de segmentação e discriminação.

Em suma, o Brasil é não somente um dos países do mundo com o mais alto grau de desigualdade em educação, mas também é um dos países com a maior sensibilidade dos salários ao nível educacional do trabalho. Estes dois fatores em conjunto levam a que a contribuição da desigualdade educacional para a desigualdade salarial no Brasil seja, também, uma das mais elevadas do mundo. (PAES DE BARROS E MENDONÇA, 1995, p.48)

Sabe-se que basicamente o gargalo da ampliação do ensino médio está na baixa qualidade do ensino fundamental que, com altos índices de repetência e evasão, diminui muito a demanda para o nível subsequente, fazendo com que as crianças/ jovens vão para o mercado de trabalho. Até bem pouco tempo atrás, atribuía-se quase que com exclusividade o “fracasso” escolar a dois fatores: ora à família, ora a diferentes perversidades do nosso sistema sócio-político, mas raramente ao que estava acontecendo no interior da organização escolar (Madeira, 1993).

1.3 – O perfil do Jovem do Município do Rio de Janeiro

Para analisar o perfil dos jovens da cidade do Rio de Janeiro e do bairro de Acari foram usados os dados do Censo Demográfico de 2000. Para obter os microdados obtive ajuda da

ONG Viva Rio no cruzamento dos mesmos, e a partir destes, tornou-se possível um estudo diferenciado dos jovens que ali residem, diferenciando-os entre não-moradores de favela (utilizando-me do termo moradores da cidade formal para este grupo específico) e moradores de favela para o outro grupo estudado.

Nos resultados obtidos nota-se que os jovens das favelas cariocas representam apenas 21,6% do total de jovens do universo, ficando a cidade formal com os 78,4% restantes (Tabela 4). Tendo em vista que a população total de jovens de 15 a 24 anos do Município do Rio de Janeiro é de 1.022.894 habitantes e a população total do Município é de 5.857.904 habitantes, temos que a taxa de participação dos jovens é de 17,5%.

No contexto das favelas, temos uma taxa de participação de 20,2% dos jovens favelados em relação à população total das favelas, e uma taxa de participação de 16,8% dos jovens da cidade formal do Rio de Janeiro em relação ao total de moradores da cidade formal, comprovando assim uma proporção maior de jovens nas favelas.

Para os dados do Rio de Janeiro, favela e não favela volta à tona a questão da população feminina ser maior que a masculina, conforme comprovaram estudos anteriores, só que com diferenças muito pequenas. Em ambos os casos a maioria dos jovens são solteiros e possuem como chefe da família seus pais. A única diferença substancial é concernente à composição por cor. Na cidade formal segue o predomínio de brancos e na favela são os pardos que compõe a maioria, confirmando a diferenciação já pressuposta (Tabela 4).

**Tabela 4: Perfil dos jovens de 15/ 24 anos
Município do Rio de Janeiro – 2000**

	FAVELA				Total	
	Não		Sim		N	%
	N	%	N	%		
Faixa etária						
De 15 a 24 anos	802402	100,0	220492	100,0	1022894	100,0
Sexo						
Masculino	396841	49,5	108301	49,1	505142	49,4
Feminino	405561	50,5	112192	50,9	517753	50,6
Cor ou Raça						
Branca	480780	59,9	88017	39,9	568797	55,6
Preta	69793	8,7	31516	14,3	101309	9,9
Amarela	2003	0,2	562	0,3	2565	0,3
Parda	242390	30,2	97479	44,2	339869	33,2
Indígena	2015	0,3	620	0,3	2636	0,3
Sem declaração	5421	0,7	2298	1,0	7719	0,8
Estado Civil						
Casado(a)	49633	6,2	17628	8,0	67261	6,6
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	1353	0,2	324	0,1	1677	0,2
Divorciado(a)	635	0,1	176	0,1	812	0,1
Viúvo(a)	416	0,1	193	0,1	609	0,1
Solteiro(a)	750365	93,5	202170	91,7	952536	93,1
Relação com o responsável pelo domicílio						
Pessoa responsável	46545	5,8	25623	11,6	72168	7,1
Cônjuge, companheiro(a)	60272	7,5	30857	14,0	91130	8,9
Filho(a), enteado(a)	567601	70,7	129595	58,8	697196	68,2
Pai, mãe, sogro(a)	359	0,0	206	0,1	565	0,1
Neto(a), bisneto(a)	43045	5,4	7641	3,5	50686	5,0
Irmão, irmã	14182	1,8	6513	3,0	20695	2,0
Outro parente	46818	5,8	17199	7,8	64017	6,3
Agregado(a)	9502	1,2	2434	1,1	11936	1,2
Pensionista	2760	0,3	399	0,2	3158	0,3
Empregado(a) doméstico(a)	5771	0,7	17	0,0	5787	0,6
Parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	330	0,0	-	-	330	0,0
Individual em domicílio coletivo	5220	0,7	8	0,0	5228	0,5

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Com relação ao índice de alfabetização por cor ou raça da Tabela 5 constatamos que, no Rio de Janeiro não-favela, 60,1% dos jovens alfabetizados são brancos e, apenas 38,7% são negros (pardos e pretos juntos), fato este que pode ser justificado pela proporção maior de brancos no universo. No percentual de analfabetos, os negros correspondem a 54,1% do universo e os brancos a 44,4%, dada a proporção de 0,8 brancos para cada negro. Apesar disso, em todas as raças o percentual de alfabetizados é superior a 98%.

Para os dados da favela temos que 44,1% dos alfabetizados são pardos e 46,5% dos analfabetos também são pardos, dado o maior número destes nas favelas da cidade do Rio de Janeiro (Tabela 5).

**Tabela 5: Índice de alfabetização dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça
Município do Rio de Janeiro - 2000**

RIO DE JANEIRO NÃO-FAVELA						
	Sabe ler e escrever				Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Cor ou Raça						
Branca	476 727	60,1	4 053	44,4	480 780	59,9
Preta	68 553	8,6	1 240	13,6	69 793	8,7
Amarela	2003	0,3	0	0,0	2003	0,2
Parda	238691	30,1	3698	40,5	242389	30,2
Indígena	1982	0,2	34	0,4	2016	0,3
Sem declaração	5325	0,7	96	1,1	5421	0,7
Total	793281	100,0	9121	100,0	802402	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

RIO DE JANEIRO FAVELA						
	Sabe ler e escrever				Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Cor ou Raça						
Branca	85 714	40,1	2 303	33,5	88 017	39,9
Preta	30 307	14,2	1 209	17,6	31 516	14,3
Amarela	548	0,3	13	0,2	561	0,3
Parda	94285	44,1	3194	46,5	97479	44,2
Indígena	574	0,3	47	0,7	621	0,3
Sem declaração	2188	1,0	110	1,6	2298	1,0
Total	213616	100,0	6876	100,0	220492	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Considerando o mesmo índice por sexo (Tabela 6), observamos que 50,7% dos alfabetizados são mulheres e 60,8% dos analfabetos são homens, para dados da cidade formal. Nos dados da favela temos 51,3% dos alfabetizados do sexo feminino e 60,6% dos analfabetos do sexo masculino. Constatamos com isso uma maior escolaridade feminina em ambos os casos.

Na cidade formal o índice de mulheres alfabetizadas é de 99,1% e o de homens é de 98,6. O mesmo ocorre nas favelas com elas apresentando 97,6% e eles 96,2%.

**Tabela 6: Índice de alfabetização dos jovens de 15/ 24 anos, por sexo
Município do Rio de Janeiro - 2000**

RIO DE JANEIRO NÃO FAVELA						
Sabe ler e escrever						
Sexo					Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Masculino	391299	49,3	5 542	60,8	396 841	49,5
Feminino	401982	50,7	3579	39,2	405561	50,5
Total	793281	100,0	9 121	100,0	802 402	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

RIO DE JANEIRO FAVELA						
Sabe ler e escrever						
Sexo					Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Masculino	104132	48,7	4 169	60,6	108 301	49,1
Feminino	109484	51,3	2707	39,4	112191	50,9
Total	213616	100,0	6 876	100,0	220 492	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

A média de anos de estudos, representada na Tabela 7, explicita bem as diferenças entre brancos e negros quando se trata dos moradores da cidade formal, mas nada diz quando entra em cena o fato de serem moradores de favela. Mesmo no contexto urbano, os brancos possuem quase dois anos a mais de estudo que os negros. Na favela a diferença já não é tão relevante, comprovando a idéia de que basta ser pobre para não ter oportunidade. No entanto, os moradores de favela estudam, em média, três anos a menos que os moradores da cidade formal.

**Tabela 7: Média de anos de estudo da população de 15/ 24 anos, por cor ou raça
Município do Rio de Janeiro – 2000**

Cor ou Raça	FAVELA	
	Não	Sim
Branca	9,5	6,9
Preta	7,7	6,3
Amarela	9,5	6,7
Parda	8,0	6,5
Indígena	8,1	6,3
Sem declaração	8,0	6,5
Total	8,9	6,6

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Novamente entra em cena a questão colocada anteriormente já que as mulheres possuem mais escolaridade em ambos os casos. Não há diferenças relevantes por sexo na favela e a disparidade maior está entre morar na favela ou na cidade formal (Tabela 8).

**Tabela 8: Média de anos de estudo da população de 15 a 24 anos por sexo
Município do Rio de Janeiro – 2000**

Sexo	FAVELA	
	Não	Sim
	Masculino	8,6
Feminino	9,2	6,9
Total	8,9	6,6

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Os jovens da cidade formal se encontram numa situação pior no que diz respeito à ocupação nos postos de trabalho, já que 60,3% dos que pertencem a população economicamente ativa estão desocupados (Tabela 9), no entanto, vale ressaltar que parcelas significativas da sociedade vêm investindo fortemente em educação, e muitos dos jovens da classe média ainda moram com os pais. Na favela o percentual de desocupados cai para 56,9%. Vale a pena ressaltar que do total de jovens economicamente ativos do Município do Rio de Janeiro, 78,4% estão na cidade formal e apenas 21,6% na favela.

**Tabela 9: Situação ocupacional dos Jovens de 15/ 24 anos
Município do Rio de Janeiro - 2000**

	FAVELA				Total	
	Não		Sim		N	%
	N	%	N	%		
Desocupados	483902	60,3	125358	56,9	609260	59,6
Ocupados	318500	39,7	95134	43,1	413634	40,4
"população economicamente ativa"	802402	100,0	220492	100,0	1022894	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Com relação a faixa de até sete anos de estudo da população do Rio de Janeiro não favela, representada pela Tabela 10, não há uma diferenciação em relação a brancos e pardos quando analisados os que freqüentaram até sete anos de estudo, no entanto não se observa o mesmo

quando analisada a faixa subsequente, ou seja, a superior a sete anos de estudo. Neste caso, os brancos são maioria e correspondem a cerca de 66,2% dos jovens pertencentes a esta faixa.

Na análise do Rio de Janeiro favela observamos que não há diferenciação entre as raças em nenhum dos casos, reiterando o que já havia dito anteriormente, pois basta ser morador de favela para estar numa situação de desvantagem. Além do fato de ser branco ou preto não influir na maior escolaridade da população jovem favelada, observamos uma inversão em relação à cidade formal, já que nesta última 72,6% dos jovens estão na faixa de mais de sete anos de estudo, enquanto na favela apenas 41,4%.

Tabela 10: Faixa de até 7 anos de estudo dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça Município do Rio de Janeiro - 2000

Cor ou Raça	RIO DE JANEIRO NÃO FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Branca	94 741	43,3	383 618	66,2	478 359	59,9
Preta	29 862	13,7	39 661	6,8	69 523	8,7
Amarela	403	0,2	1600	0,3	2003	0,3
Parda	91076	41,6	150151	25,9	241227	30,2
Indígena	678	0,3	1337	0,2	2015	0,3
Sem declaração	1991	0,9	3396	0,6	5387	0,7
Total	218751	100,0	579763	100,0	798514	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Cor ou Raça	RIO DE JANEIRO FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Branca	47 727	37,2	39 656	43,7	87 383	39,9
Preta	20 051	15,6	11 255	12,4	31 306	14,3
Amarela	330	0,3	232	0,3	562	0,3
Parda	58367	45,5	38415	42,3	96782	44,2
Indígena	318	0,2	274	0,3	592	0,3
Sem declaração	1407	1,1	891	1,0	2298	1,0
Total	128 200	100,0	90723	100,0	218923	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Quando analisamos a faixa de estudo dos jovens por sexo, percebemos que tanto na cidade formal quanto na favela, os homens são maioria quando visto até sete anos de estudo e as mulheres na faixa superior, ou seja, a com mais de sete anos de estudo (Tabela 11).

**Tabela 11: Faixa de até 7 anos de estudo dos jovens de 15/ 24 anos, por sexo
Município do Rio de Janeiro – 2000**

	RIO DE JANEIRO NÃO FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Sexo						
Masculino	121 222	55,4	273 537	47,2	394 759	49,4
Feminino	97530	44,6	306225	52,8	403755	50,6
Total	218752	100,0	579762	100,0	798514	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

	RIO DE JANEIRO FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Sexo						
Masculino	67 240	52,4	40 222	44,3	107 462	49,1
Feminino	60959	47,6	50502	55,7	111461	50,9
Total	128 199	100,0	90724	100,0	218923	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

A tabela 12 mostra que defasagem ano-série é quase o dobro para brancos e amarelos moradores de favela, já para pardos e pretos, os quais já não possuem acesso à educação fora dos limites da favela, a proporção é um pouco menor. O importante neste caso é frisar que entre os moradores da favela quase não existe diferenciação nos anos de defasagem quando observados por cor ou raça.

**Tabela 12: Média de defasagem série idade dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça
Município do Rio de Janeiro – 2000**

Cor ou Raça	FAVELA	
	Não	Sim
Branca	3,1	5,8
Preta	4,9	6,1
Amarela	2,8	6,1
Parda	4,4	5,9
Indígena	4,3	5,9
Sem declaração	4,5	6,4
Total	3,6	5,9

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Comprovando os dados apresentados anteriormente, além das mulheres estudarem mais, também possuem uma defasagem menor em relação aos homens. Os resultados são similares aos encontrados na tabela anterior quando vistos sob a ótica de serem moradores das favelas ou não, com a primeira apresentando uma defasagem superior à segunda. (Tabela 13).

Tabela 13: Média de defasagem série idade dos jovens de 15/ 24 anos, por sexo Município do Rio de Janeiro – 2000

		FAVELA	
		Não	Sim
Sexo	Masculino	3,9	6,2
	Feminino	3,4	5,6
	Total	3,6	5,9

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados

A renda domiciliar per capita da favela é três vezes menor que a da cidade formal (Tabela 14). Os dados ficam ainda mais gritantes quando se coloca em questão os bairros pobres e as favelas cariocas, como é o caso de Acari, que será apresentado a seguir.

Tabela 14: Renda Domiciliar Per Capita dos jovens de 15/ 24 anos Município do Rio de Janeiro – 2000

	FAVELA		Total
	Não	Sim	
Média de RDPC	R\$ 577,28	R\$ 177,22	R\$ 491,04

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Constatamos então que o fato dos jovens morarem na favela os coloca sempre numa situação de desvantagem, e neste sentido a cor não influencia nas oportunidades de acesso. Já na cidade formal, ser branco torna o jovem mais suscetível à transposição de barreiras.

CAPÍTULO 2 – OS JOVENS NO BAIRRO DE ACARI: FAVELA E “CIDADE FORMAL”

O objetivo deste trabalho é identificar as principais características da população jovem de 15 a 24 anos, residente nas favelas Vila Rica de Irajá e Parque Acari, no Complexo de Acari, Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro. É também objetivo, a partir do diagnóstico encontrado no Censo Demográfico de 2000 e no perfil sócio-econômico aplicado na comunidade, em 2005, traçar as peculiaridades da região em relação ao Município do Rio de Janeiro, de forma a melhor entender as questões educacionais e de trabalho e renda. Os dados sócio-econômicos foram obtidos através de entrevistas de campo, realizadas por mim, nos meses de setembro e outubro de 2005. Apesar dos dados do Censo Demográfico abrangerem a população inteira, e os da entrevista de campo, apenas uma pequena amostra, utilizar-me-ei ainda assim deste último, para buscar o objetivo da minha pesquisa.

2.1 – Histórico de surgimento das favelas da Cidade do Rio de Janeiro

É quase impossível falar de Rio de Janeiro e não pensar na questão das favelas. No início do século XX, a modernização urbana implementada pelo Governo Pereira Passos, que reestruturou a cidade e redefiniu o centro e as áreas residenciais, segregou ainda mais ricos e pobres. O que inicialmente seria a solução dos problemas urbanísticos acabou se tornando o estopim do surgimento das favelas.

As remoções foram feitas sem as devidas políticas habitacionais, e muitos começaram a habitar morros vazios próximos ao centro da cidade por não conseguirem se instalar na zona suburbana que lhes foi cedida, por sua distância e dificuldade de acesso aos postos de trabalho. A legislação ainda dificultava a instalação da população mais pobre nestas áreas

longínquas, à medida que proibia a autoconstrução e impunha regras de construções e taxas elevadas.

Nas décadas de 1940 e 1950, com a decadência da agricultura e a forte industrialização, intensos movimentos migratórios se formaram em direção aos centros urbanos e industriais. Os migrantes chegavam à Capital e se instalavam nos subúrbios distantes ou nas favelas. A década de 1940 representou um período de forte proliferação das favelas no Rio de Janeiro, e foi justamente nesta época, que a Prefeitura do Rio de Janeiro, desejosa de extinguir as favelas ou pelo menos sustar o seu desenvolvimento no Distrito Federal, adiantou-se ao IBGE, mandando realizar o primeiro Censo das Favelas. Iniciado nas últimas semanas de 1947 e terminado em fins de março de 1948, o censo foi executado pelo Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do Distrito Federal e publicado em 1949. A princípio foram identificados 119 núcleos, com uma população estimada em 280 mil habitantes, representando cerca de 7% da população da cidade. Tal estimativa já assinalava uma considerável redução das cifras — entre 400 mil e 600 mil favelados — que apareciam na imprensa carioca. No decorrer dos trabalhos o número de favelas reduziu-se de 119 para 105⁵ e a população encontrada diminuiu para 138.837 habitantes, dos quais 68.953 do sexo masculino e 69.884 do sexo feminino (Valladares, 2000).

A contagem populacional nas áreas mais pobres registrou: a cara da pobreza era jovem e migrante, muitos dos quais vinham para a cidade em busca de oportunidade. De acordo com a Agência de Notícias das Favelas, a maioria deles trabalhava nas indústrias da zona norte e suburbana, ou prestando algum tipo de serviço na zona sul.

O censo subsequente do IBGE, realizado em 1950 foi bastante contraditório devido à falta de definição do que era favela. Por conta desta inconsistência, as pesquisas registraram apenas 59 favelas, com um total de 169.305 habitantes. Na ocasião tornou-se necessário a construção

⁵ Diz o documento do Censo das Favelas de 1949, que os 14 núcleos excluídos correspondiam a aglomerados em terrenos com situação legalizada, de propriedade dos próprios moradores, ou comprimidos numa mesma unidade topográfica mas com denominações diferentes.

de um parâmetro para subseqüentes pesquisas e entendeu-se que favelas seriam “agrupamentos urbanos” com algumas características peculiares, tais como: construção irregular, falta de infra-estrutura pública adequada, falta de urbanização e aglomeração mínima de 50 unidades.

De acordo com Silva (2005), o crescimento das favelas não pode ser visto apenas como um processo de exclusão, mas deve ser analisado como um fenômeno incluído no desenvolvimento do Rio de Janeiro. As favelas fazem parte do processo de consolidação do mercado imobiliário da cidade. Parte das áreas faveladas nasceu e se expandiu em áreas particulares e tinha o consentimento de proprietários, que cobravam aluguel pelos barracos, ou eram exploradas por grileiros. O surgimento e a destruição de favelas nessas áreas faziam parte da dinâmica do mercado imobiliário. Em áreas pouco valorizadas para o mercado imobiliário “nobre”, permitia-se a construção de barracos. Algumas delas, depois, tornavam-se mais rentáveis e surgia a necessidade de remoção dos moradores (Silva, 2005). Tal processo foi se intensificando na década de 1950, com a transferência da capital para Brasília e a perda econômica que a cidade sofreu em relação a São Paulo. Na década de 1980, apesar do registro de inúmeras tentativas de remoção, as favelas continuaram crescendo. Os contextos migratórios negativos na cidade em nada contribuíram para a reversão do quadro de crescimento das favelas. Em 1980, era de 637.518 o número de moradores das favelas. De acordo com o Censo Demográfico, realizado em 2000 pelo IBGE, este número saltou para 1.092.476, gerando um aumento de 71,4% desta população. Quando pegamos os dados do Instituto Pereira Passos (IPP), constatamos que entre 1991 e 2000 a população residente nas favelas do Rio de Janeiro cresceu seis vezes mais que a população residente no “cidade formal”, mesmo em contexto de estagnação do crescimento.

Cerca de 18,6% da população carioca mora em favelas, e uma projeção do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets) mostrou que, dentro de cinco anos, o Rio deverá ter

cerca de 1,3 milhões de moradores de favela, 210 mil a mais do que em 2000. Em 2010, segundo este instituto, os moradores de favela representarão 21,1% da população da cidade do Rio de Janeiro.

2.2 – Histórico das Comunidades: Vila Rica de Irajá e Parque Acari

A motivação para a realização de um estudo de caso dessas comunidades vem do fato de estarem situadas no subúrbio do Rio de Janeiro, área pobre da cidade, aonde chegam poucas políticas públicas, e que apresenta renda per capita 2,9 vezes menor que a renda per capita da cidade. Sendo assim, pretende-se mostrar a realidade de um lugar pobre e violento, que ficou esquecido na “Cidade Maravilhosa”.

A favela de Acari está localizada entre a Avenida Brasil, principal artéria rodoviária da cidade, e a Avenida Automóvel Club, que corta vários subúrbios em direção à Baixada Fluminense. Do outro lado da Avenida Brasil temos o “Ceasa”, um dos principais mercados atacadistas de hortifrutigranjeiros do Rio de Janeiro. O local movimentava a economia local e se tornou referência para as pessoas que deram certo na favela. Cruzando a Avenida Automóvel Club, há a linha dois do metrô e um enorme conjunto residencial, Fazenda Botafogo, mesmo nome do distrito industrial ali existente, um dos mais importantes do estado. A favela de Acari fica, portanto, numa região onde predominam indústrias e residências. O comércio da região é predominantemente fraco, e a maioria das pessoas costuma ir a Madureira, a vizinha Pavuna, ou ao município de São João de Meriti para comprar roupas, bens duráveis e presentes (Souza, 2001)

A favela de Acari é uma área plana, no vale do Rio Acari, e não um “morro”, palavra que ainda é hoje quase sinônimo de favela. Ao se conversar com os moradores, observa-se que o chamamos de favela de Acari não existe para eles. Existem três favelas diferentes, cada qual

com seu nome, território e associação de moradores: Parque (Proletário) Acari, Vila Rica de Irajá (Coroado) e Vila Esperança.

De acordo com dados da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Parque Acari e Vila Rica de Irajá se localizam no bairro de Acari, enquanto Vila Esperança pertence ao bairro de Irajá. Sendo assim, o estudo e a pesquisa foram feitos apenas nas comunidades pertencentes ao bairro de Acari, para poderem contrastar com os dados do Censo Demográfico do bairro de Acari e da favela de Acari. É importante ressaltar que no bairro de Acari não existem apenas estas duas favelas, fato este que pode acentuar ainda mais os dados pesquisados.

1) Parque Acari

Localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, sendo uma das três comunidades do Complexo de Acari. A população residente, de acordo com o IPP é de 4.018 habitantes, mas a estimativa é que em todo o complexo este número chegue a 40.000 habitantes.

É a favela mais antiga e é chamada ironicamente pelos moradores de outras áreas de “Zona Sul de Acari”. Nela se concentra a “classe média da favela” e seus moradores são acusados de discriminar os residentes de Vila Rica de Irajá. A Rua Piracambu tem a maior concentração de brancos da localidade e nela está situado o movimentado comércio da favela. Os moradores mais antigos ali chegaram em 1940, normalmente oriundos do Estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, para trabalhar no setor industrial em pleno crescimento.

2) Vila Rica de Irajá

Esta comunidade tem uma dinâmica bem diferente da anterior, sua população estimada é de 14.798 moradores e seus acessos são bem mais difíceis, por não existir uma grande rua

para sinalizar seu centro. As obras do favela-bairro estão tentando asfaltar a região e alargar um pouco mais os becos, onde mal passa uma pessoa por vez.

O nome da favela surgiu em alusão ao nome de uma localidade de garimpeiros, na telenovela *Irmãos Coragem*, marcada por precário conforto material e bastante violência. Os moradores contam que por volta de 1970, havia nesta localidade três bandidos poderosos, que se utilizavam o nome da novela para reiterar ainda mais o poder no local.

Nesta área a pobreza é ainda mais marcante, há animais (vacas, cavalos, bode, galinha entre outros) passeando pelas ruas, e há quem diga que faz até mais calor, sensação esta atribuída ao mal-estar que a precariedade do local oferece. A associação é menos ligada ao tráfico, mas ainda assim o domínio destes se faz bastante presente.

2.3 – Perfil do Jovem do Bairro de Acari

Segundo os dados do Censo demográfico de 2000, o bairro de Acari tem uma população de 24.650 habitantes. Quando pegamos apenas a população que mora em favelas, temos um total de 21.053 habitantes, comprovando o predomínio desta última. Percebemos então que 85,4% dos moradores do bairro de Acari estão nas favelas.

Na análise dos dados dos jovens, encontrados na Tabela 15, constatamos um predomínio maior de homens no bairro de Acari, enquanto na favela, o percentual maior é de mulheres. Os jovens das favelas de Acari respondem a um total de 75% do total de jovens. Com relação à composição por cor ou raça, os brancos são maioria em ambos os locais, seguidos pelos pardos e pelos pretos. A maioria dos jovens é solteira e têm os pais como chefe do domicílio, conforme apresentado na mesma tabela.

**Tabela 15: Perfil dos jovens de 15/ 24 anos
Bairro de Acari – 2000**

	FAVELA				Total	
	Não		Sim		N	%
	N	%	N	%		
Faixa etária						
De 15 a 24 anos	1719	100,0	5149	100,0	6868	100,0
Sexo						
Masculino	925	53,8	2420	47,0	3345	48,7
Feminino	794	46,2	2729	53,0	3523	51,3
Cor ou Raça						
Branca	789	45,9	2336	45,4	3125	45,5
Preta	231	13,4	770	15,0	1001	14,6
Amarela	10	0,6	60	1,2	70	1,0
Parda	672	39,1	1888	36,7	2560	37,3
Indígena	-	-	15	0,3	15	0,2
Sem declaração	17	1,0	80	1,5	97	1,4
Estado Civil						
Casado(a)	169	9,8	508	9,9	677	9,9
Viúvo(a)	6	0,3	10	0,2	16	0,2
Solteiro(a)	1544	89,8	4631	89,9	6176	89,9
Relação com o responsável pelo domicílio						
Pessoa responsável	166	9,7	558	10,8	724	10,5
Cônjuge, companheiro(a)	182	10,6	863	16,8	1045	15,2
Filho(a), enteado(a)	1166	67,8	3131	60,8	4297	62,6
Pai, mãe, sogro(a)	-	-	20	0,4	20	0,3
Neto(a), bisneto(a)	89	5,2	134	2,6	223	3,3
Irmão, irmã	-	-	142	2,8	142	2,1
Outro parente	93	5,4	273	5,3	367	5,3
Agregado(a)	10	0,6	7	0,1	16	0,2
Pensionista	-	-	22	0,4	22	0,3
Empregado(a) doméstico(a)	12	0,7	-	-	12	0,2

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Com relação ao índice de alfabetização apresentado na tabela 16, observa-se que não há muita diferença entre os percentuais encontrados em Acari favela e Acari bairro, e o que acaba os diferenciando é o número de jovens, que na favela corresponde a 75% dos jovens de Acari.

Em relação à composição por cor ou raça, os jovens brancos são os que apresentam o melhor desempenho entre os alfabetizados, em ambos os casos. Com relação aos analfabetos, são os pardos que lideram o ranking dos menos alfabetizados. É importante frisar que os brancos são maioria em ambos os lugares e por isso acabam apresentando um desempenho mais satisfatório.

Independente da cor dos jovens e de onde estão inseridos, cerca de 97% dos mesmos são alfabetizados.

**Tabela 16: Índice de alfabetização dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça
Bairro de Acari – 2000**

ACARI NÃO FAVELA						
Cor ou Raça	Sabe ler e escrever				Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Branca	780	46,4	9	24,3	789	45,9
Preta	220	13,1	11	29,7	231	13,4
Amarela	10	0,6	0	0,0	10	0,6
Parda	654	38,9	17	45,9	671	39,1
Sem declaração	17	1,0	0	0,0	17	1,0
Total	1681	100,0	37	100,0	1 718	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

ACARI FAVELA						
Cor ou Raça	Sabe ler e escrever				Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Branca	2 299	45,9	37	25,7	2 336	45,4
Preta	740	14,8	30	20,8	770	15,0
Amarela	60	1,2	0	0,0	60	1,2
Parda	1825	36,5	64	44,4	1889	36,7
Indígena	7	0,1	8	5,6	15	0,3
Sem declaração	75	1,5	5	3,5	80	1,6
Total	5006	100,0	144	100,0	5150	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Na tabela 17, encontra-se o mesmo índice, agora para sexo, e neste sentido tem-se uma surpresa quando constatamos que na favela de Acari o índice de mulheres alfabetizadas é de 96,8%, enquanto o de homens é 97,7%. As mulheres são maioria em relação aos jovens alfabetizados na favela e também em relação ao total de analfabetos. A menor escolaridade feminina pode ser resultado do ingresso no mercado de trabalho associado à fecundidade já bem significativa nestes subgrupos etários.

Quando analisado apenas o bairro de Acari a constatação acima não é válida, já que os homens apresentam um índice maior em relação ao total de alfabetizados por serem maioria, e no caso dos analfabetos não há mulheres neste contexto.

**Tabela 17: Índice de alfabetização dos jovens de 15/ 24 anos, por sexo
Bairro de Acari – 2000**

ACARI NÃO FAVELA						
Sabe ler e escrever						
Sexo	Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	887	52,8	38	100,0	925	53,8
Feminino	794	47,2	0	0,0	794	46,2
Total	1681	100,0	38	100,0	1 719	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

ACARI FAVELA						
Sabe ler e escrever						
Sexo	Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	2365	47,3	55	38,2	2 420	47,0
Feminino	2640	52,7	89	61,8	2729	53,0
Total	5005	100,0	144	100,0	5 149	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Na tabela 18 são analisadas as diferenças nas médias de anos de estudo. Tanto os jovens do Rio de Janeiro como os de Acari apresentaram uma discrepância muito grande no que se refere à média de anos de estudo da cidade formal e da favela. E por sinal, a favela de Acari acabou tendo um desempenho bem pior do que aquele apresentado para os dados dos jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro, com cerca de um ano há menos de estudo que os jovens favelados do Município.

Tabela 18: Média de anos de estudo da população de 15/ 24 anos, por cor ou raça Bairro de Acari – 2000

		FAVELA	
		Não	Sim
Cor ou Raça			
	Branca	8,5	6,8
	Preta	7,3	6,4
	Amarela	9,5	4,0
	Parda	7,5	6,5
	Indígena	-	4,0
	Sem declaração	9,4	5,0
	Total	8,4	5,5

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Tendo como base apenas as mulheres que estudaram, a média de anos de estudo destas é maior que a dos homens, em ambos os casos, conforme visto também para os dados do Município do Rio de Janeiro (Tabela 19).

Tabela 19: Média de anos de estudo da população de 15/ 24 anos, por sexo Bairro de Acari – 2000

		FAVELA	
		Não	Sim
Sexo			
	Masculino	7,8	6,5
	Feminino	8,2	6,7
	Total	8,0	6,6

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Na Tabela 20 podemos observar que no bairro de Acari há um menor percentual (25%) da população economicamente ativa, e mesmo assim estes apresentam um percentual de ocupação maior que o percebido na favela.

Tabela 20: Situação ocupacional dos Jovens de 15/ 24 anos Bairro de Acari – 2000

	FAVELA				Total	
	Não		Sim		N	%
	N	%	N	%		
Desocupados	970	56,4	3224	62,6	4194	61,1
Ocupados	749	43,6	1925	37,4	2674	38,9
"população economicamente ativa"	1719	100,0	5149	100,0	6868	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Conforme visto na tabela 21, para os dados de Acari não-favela, todas as raças apresentam um desempenho superior quando analisados o primeiro segmento do Ensino Fundamental, ou seja, em média 62,4% dos jovens do bairro possuem este segmento completo, com mais de sete anos de estudo.

Para os dados da favela, a relação se inverte, com a maioria da população, ou seja, 58,0% dos jovens não tendo frequentado até sete anos de ensino.

Como Acari é uma grande favela, os dados para cor ou raça não apresentam variações. Todos, independente de serem brancos, negros, pardos ou amarelos possuem dificuldade em dar prosseguimento aos estudos por conta de serem moradores de uma área pobre e carente de oportunidades.

Tabela 21: Faixa de até 7 anos de estudo dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça Bairro de Acari – 2000

	ACARI NÃO FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Cor ou Raça						
Branca	261	40,3	528	49,3	789	45,9
Preta	108	16,7	123	11,5	231	13,4
Amarela	10	1,5	0	0,0	10	0,6
Parda	268	41,4	404	37,7	672	39,1
Sem declaração	0	0,0	17	1,6	17	1,0
Total	647	100,0	1 072	100,0	1 719	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

	ACARI FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Cor ou Raça						
Branca	1 320	44,5	1 006	46,7	2 326	45,4
Preta	458	15,4	313	14,5	771	15,1
Amarela	0	0,0	60	2,8	60	1,2
Parda	1133	38,2	746	34,6	1879	36,7
Indígena	7	0,2	0	0,0	7	0,1
Sem declaração	51	1,7	28	1,3	79	1,5
Total	2969	100,0	2153	100,0	5122	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Para a diferenciação por sexo, as mulheres apresentam melhor desempenho na favela e o mesmo só não ocorre para os dados do bairro, pois lá elas são minoria (Tabela 22).

**Tabela 22: Faixa de até 7 anos de estudo dos jovens de 15/ 24 anos, por sexo
Bairro de Acari – 2000**

	ACARI NÃO FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Sexo						
Masculino	400	61,8	525	49,0	925	53,8
Feminino	247	38,2	547	51,0	794	46,2
Total	647	100,0	1 072	100,0	1 719	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

	ACARI FAVELA				Total	
	Até 7 anos de estudo		Mais de 7 anos de estudo		N	%
	N	%	N	%		
Sexo						
Masculino	1 450	48,9	970	45,0	2 420	47,2
Feminino	1518	51,1	1184	55,0	2702	52,8
Total	2968	100,0	2154	100,0	5122	100,0

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

A defasagem média para os jovens do bairro de Acari é de 4,4 anos, enquanto na favela ela salta para 5,9 anos. Em ambos os locais há uma homogeneidade entre as diferentes raças e elas não diferenciam muito das apresentadas para os dados do Município do Rio de Janeiro (Tabela 23).

**Tabela 23: Média de defasagem série idade dos jovens de 15/ 24 anos, por cor ou raça
Bairro de Acari – 2000**

Cor ou Raça	FAVELA	
	Não	Sim
Branca	4,4	5,6
Preta	4,2	6,0
Amarela	4,0	4,8
Parda	5,0	5,7
Indígena	-	5,0
Sem declaração	4,3	8,1
Total	4,4	5,9

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Na defasagem por sexo, os homens ficam numa situação pior em ambos os lugares. A defasagem média nas mulheres é de 4,3 anos na cidade formal e 5,7 anos na favela. Já para os homens, esta defasagem aumenta para 4,8 anos na cidade formal e 5,9 anos na favela (Tabela

24). Novamente são os jovens moradores do bairro de Acari que saem prejudicados, já que estes apresentam em média, um ano a mais de defasagem em relação aos jovens não moradores de favelas do Município do Rio de Janeiro. Já na favela o desempenho é similar aos apresentados anteriormente.

**Tabela 24: Média de defasagem série idade dos jovens de 15/ 24 anos, por sexo
Bairro de Acari – 2000**

Sexo	FAVELA	
	Não	Sim
Masculino	4,8	5,9
Feminino	4,3	5,7
Total	4,6	5,8

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

A renda domiciliar per capita do bairro de Acari é 2,4 vezes menor que a média do Rio de Janeiro. Enquanto o último apresenta uma renda domiciliar per capita de R\$ 577,28, o primeiro possui uma renda de apenas R\$ 243,19. Já quando analisada a favela, em contraste com a renda média per capita das favelas do Rio de Janeiro, que é de cerca de R\$ 177,22, a primeira apresenta um desempenho um pouco menos discrepante, sendo apenas 1,3 vezes menor que a média da população das favelas (Tabela 25).

**Tabela 25: Renda Domiciliar Per Capita dos jovens de 15/ 24 anos
Bairro de Acari – 2000**

	FAVELA		Total
	Não	Sim	
Média de RDPC	R\$ 243,19	R\$ 142,62	R\$ 167,79

Fonte: Censo Demográfico 2000/ IBGE, microdados - Elaboração Própria

Sendo assim, de acordo com os dados do perfil dos jovens temos que 75% dos mesmos moram em favelas do Bairro de Acari. E se levarmos em consideração que 85,4% dos

moradores do bairro residem em favelas, constatamos que o percentual de jovens não é maioria nestas localidades.

No bairro de Acari há um predomínio de homens, brancos, solteiros e que tem os pais como responsável do domicílio. A diferença em relação à favela fica por conta do predomínio de mulheres, seguindo as mesmas características citadas acima.

Em geral, tanto no bairro de Acari quanto na favela de Acari, as mulheres apresentam um índice de alfabetização e uma subsequente média de anos de estudos mais elevada que os homens. Para os dados do bairro, em média 62,4% dos jovens possuem mais de sete anos de estudo, já na favela cerca de 58% dos jovens não possuem sequer sete anos de estudos, ou seja, não tem nem o Ensino Fundamental Completo.

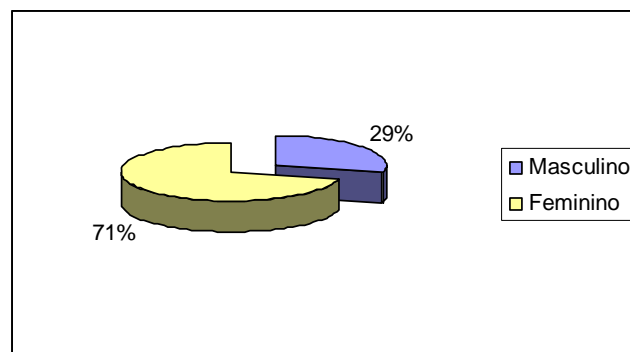
Em relação à defasagem ano-série, tanto em Acari cidade formal quanto na favela há uma homogeneidade entre as diferentes raças. Na composição por sexo, os homens se encontram numa situação pior em quase todos os dados analisados, só havendo uma situação melhor para este sexo quase estudado o índice de alfabetização dos jovens da favela de Acari, já que neste caso, 61,8% dos analfabetos da favela são do sexo feminino. A renda domiciliar per capita do jovem morador do bairro de Acari, apesar de muito baixa, ainda é 70,52% maior do que a do jovem morador da favela de Acari, e pode ser explicada pela crescente informalidade presente nas comunidades carentes do Município do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS JOVENS NAS COMUNIDADES DO COMPLEXO DE ACARI

Os gráficos a seguir dão conta da análise do perfil sócio-econômico resultante dos questionários aplicados nos meses de setembro e outubro de 2005, com os jovens das comunidades estudadas. A partir do banco de dados fornecido pela pesquisa, foram feitas as devidas tabelas e delas extraídos os gráficos subsequentes.

As duas favelas foram abordadas conjuntamente neste trabalho, e isto só foi possível por não haver uma divisão territorial muito clara entre ambas. De acordo com as informações colhidas, esta amostra apresenta uma maioria de mulheres, representando 71%, nas comunidades de Parque Proletário de Acari e Vila Rica de Irajá⁶ (Gráfico 1). Pode-se atribuir tal fato por conta da pesquisa ter sido realizada no período diurno e pelas mulheres serem muitas vezes as responsáveis pelos afazeres domésticos, sendo parte delas apenas donas de casa. Além disso, as mulheres são mais receptivas e houve dificuldade em entrevistar os “jovens do tráfico”, que se sentiram ameaçados com as perguntas. Mesmo assim, ainda foi possível conseguir informações de dois deles. Não foi possível atestar a veracidade dos rendimentos, por não haver parâmetros e pelo fato deles mudarem de acordo com a dinâmica das comunidades.

Gráfico 1: Distribuição por sexo



Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

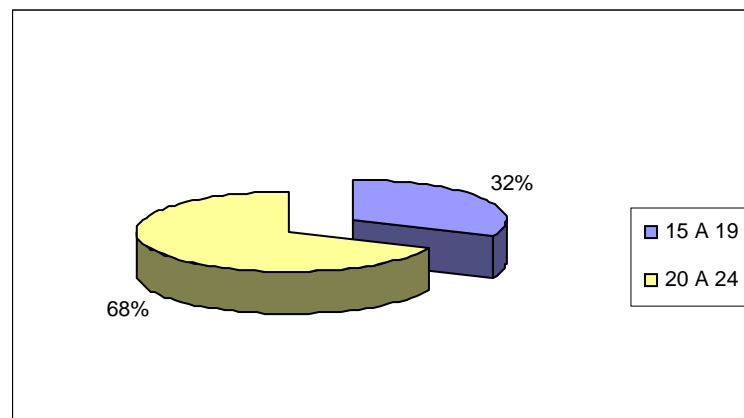
* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

⁶ As informações contidas nas amostras podem não corresponder, com exatidão, à realidade das comunidades pesquisadas, pois o número de entrevistados representa apenas 4% da população jovem do Complexo de Acari.

Perfil Etário

A distribuição por idade da população nos dá o perfil, predominantemente, de jovens adultos, compreendidos em sua maioria na faixa etária de 20 a 24 anos, tendo estes um total de 68% da amostra. A outra faixa analisada, entre 15 e 19 anos, totalizou 32% da amostra, conforme mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição por faixa etária

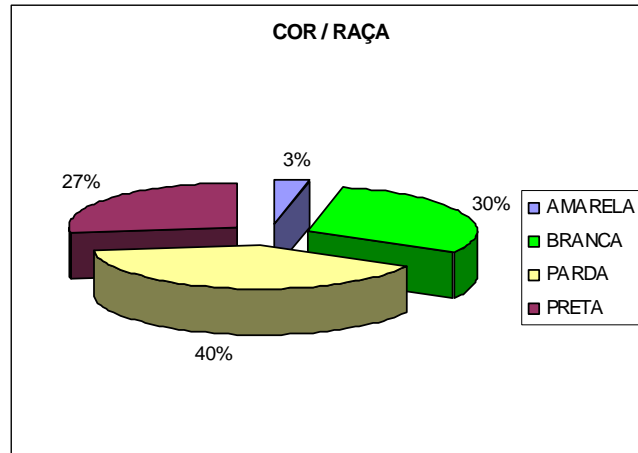


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Perfil por Cor ou Raça

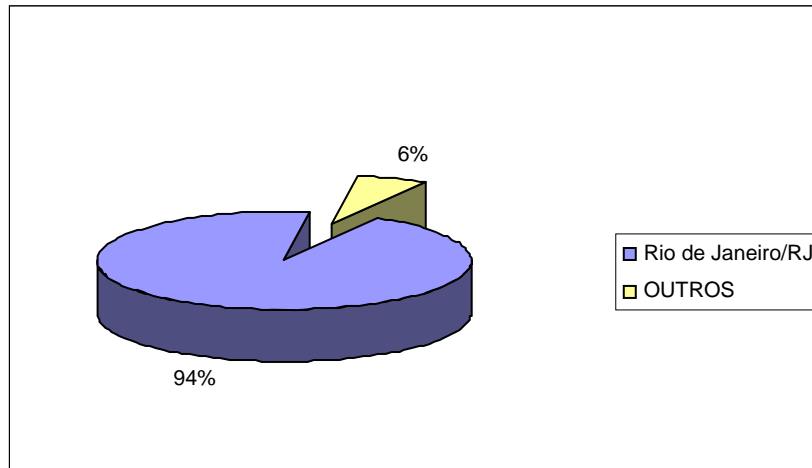
Na composição por cor ou raça, os pardos ficam com 40%, seguidos de 27% de pretos e 30% de brancos. A diferença relevante em relação aos dados do Censo Demográfico está na distribuição dos negros, que naquele representavam 15%, tornando os brancos a maioria, com um total de 45% dos entrevistados (Gráfico 3).

Gráfico 3: Distribuição por cor ou raça

Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Quando analisado o local de origem de tais jovens, percebemos que a maioria é do Rio de Janeiro, ficando no quesito outros, um total de 11 entrevistados, oriundos de Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba (Gráfico 4).

Gráfico 4: Distribuição por local de nascimento

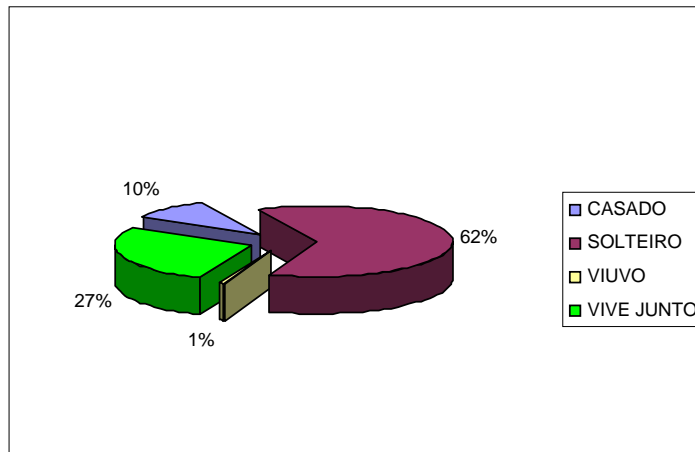
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

A maioria dos jovens entrevistados é solteira, no entanto, é importante ressaltar que o percentual de casados é o mesmo revelado pelo Censo, sendo este de 10%. Se levarmos em conta que as pessoas que vivem juntas, e representam um total de 27%, normalmente se

declaram solteiras, teremos também neste quesito o mesmo percentual do Censo Demográfico de 2000 para o bairro de Acari (Gráfico 5).

Gráfico 5: Distribuição por estado Civil

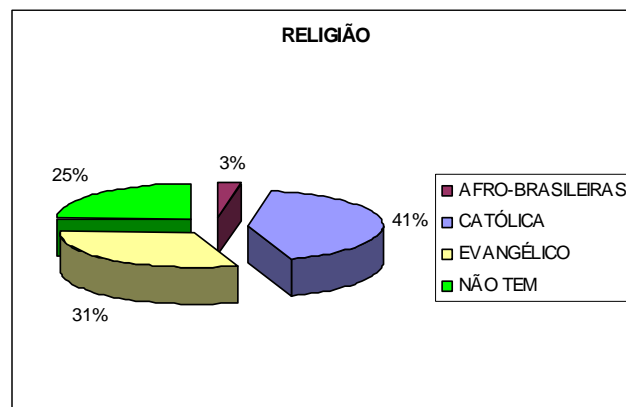


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Mesmo quando o assunto é religião, ainda encontramos entre os jovens um percentual maior de católicos, sendo ele de 41%. Sabe-se que isto se dá por conta do batismo ser realizado logo nos primeiros anos após o nascimento, e normalmente poucos jovens chegam a realmente praticar o catolicismo. Ainda assim, podemos perceber que este dogma está começando a ser quebrado, já que o percentual de evangélicos já se apresenta bem próximo, contabilizando 31% da população da amostra (Gráfico 6).

Gráfico 6: Distribuição por religião

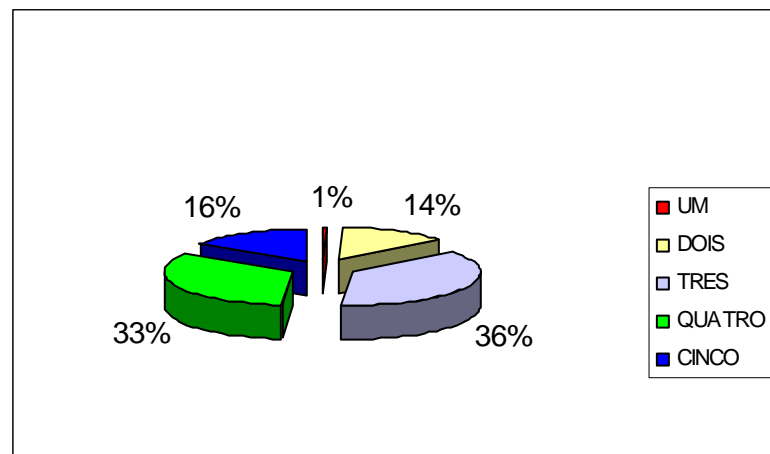


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Na distribuição de acordo com o número médio de moradores por domicílio, encontramos nos lares dos jovens das favelas de Acari uma média de três moradores por residência, representando estes um total de 36% da amostra. Estes são seguidos por lares com quatro moradores, representando 33% da amostra e lares com cinco moradores, que representam 16% da amostra (Gráfico 7).

Gráfico 7: Distribuição da quantidade de moradores por domicílio

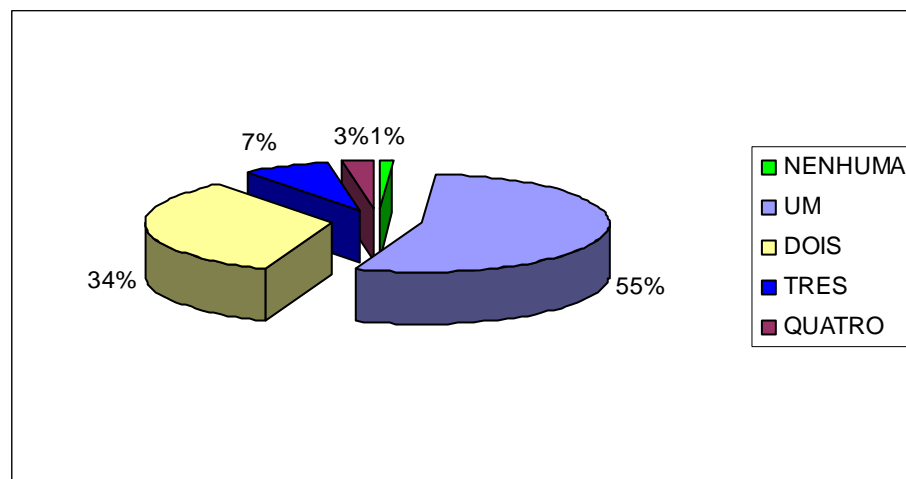


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Já quando o assunto é trabalho, a maioria dos lares apresenta apenas uma pessoa trabalhando, sendo esta a responsável pelo sustento da família (Gráfico 8).

Gráfico 8: Distribuição da quantidade de trabalhadores por domicílio

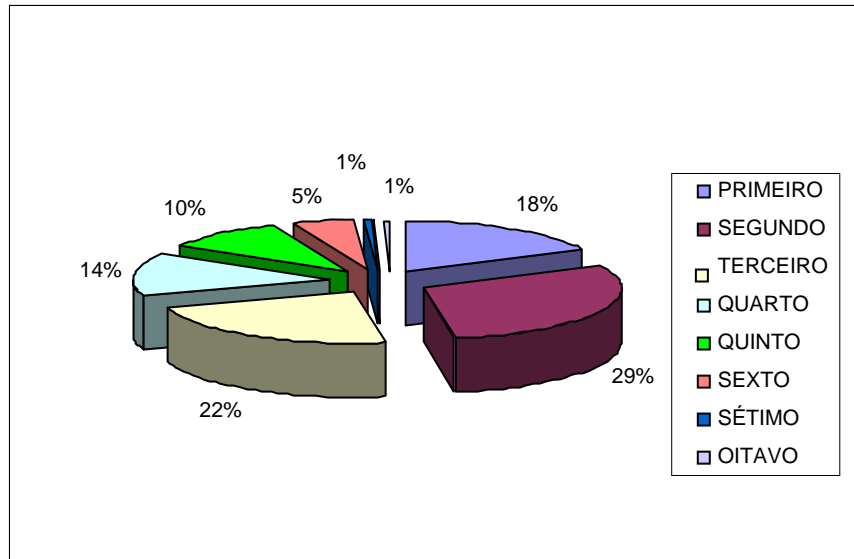


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Levando em consideração a posição que ocupam tais jovens na composição familiar, pode-se constatar que 18% deles são primogênitos, seguidos por 29% sendo o segundo filho e 22% o terceiro (Gráfico 9).

Gráfico 9: Distribuição por posição na fratria

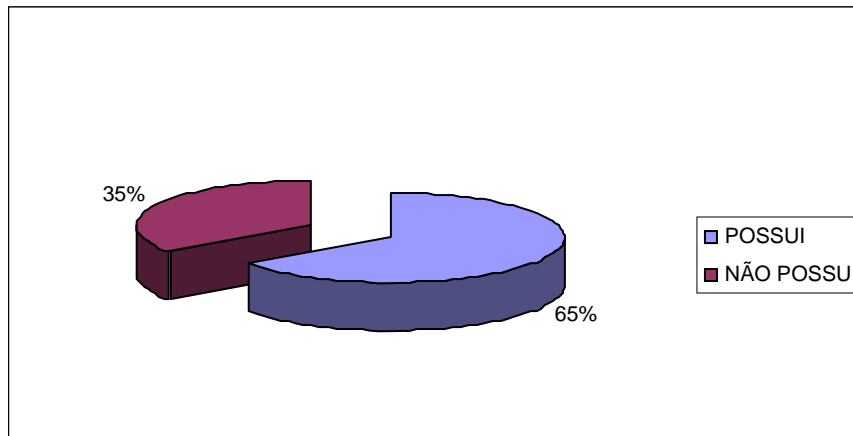


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Também de acordo com a entrevista, 106 jovens do total dos 177 entrevistados possuem filhos, constituindo um total de 60%. Destes, 82 são mulheres e 24 são homens. Dentre as mulheres entrevistadas, 65% possuem filhos (Gráfico 10)

Gráfico 10: Distribuição dos jovens que possuem filhos, sexo feminino

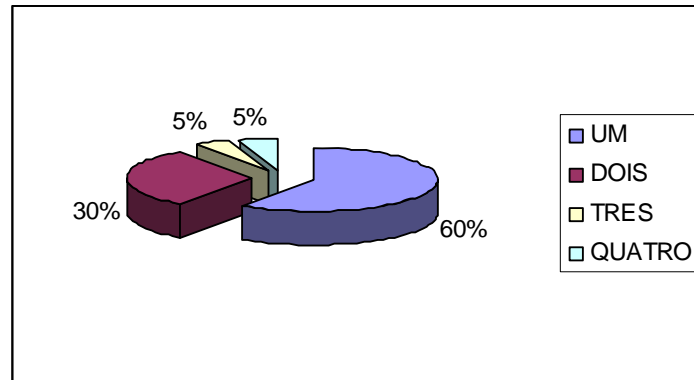


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

A maioria das mulheres, ou seja, 60% possuem apenas um filho e 30% delas têm dois filhos (Gráfico 11).

Gráfico 11: Distribuição por número médio de filhos, sexo feminino

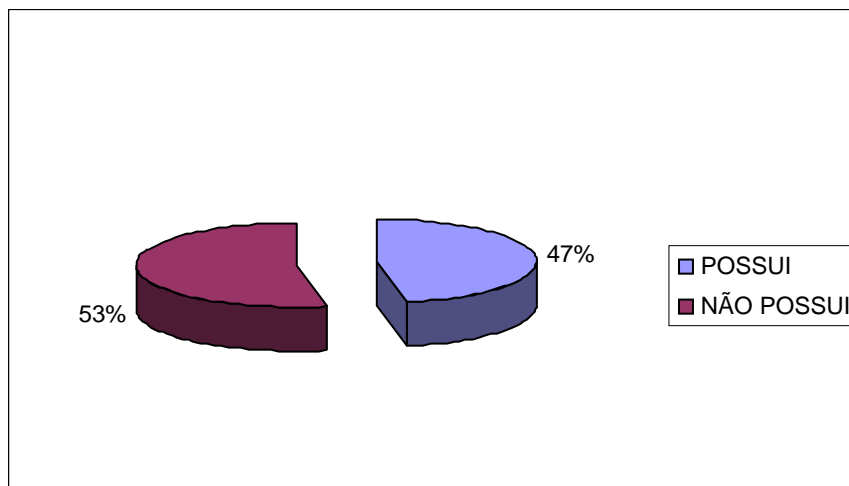


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Na população masculina o percentual de jovens com filhos cai para 47%, conforme apresentado no Gráfico 12.

Gráfico 12: Distribuição dos jovens que possuem filhos, sexo masculino

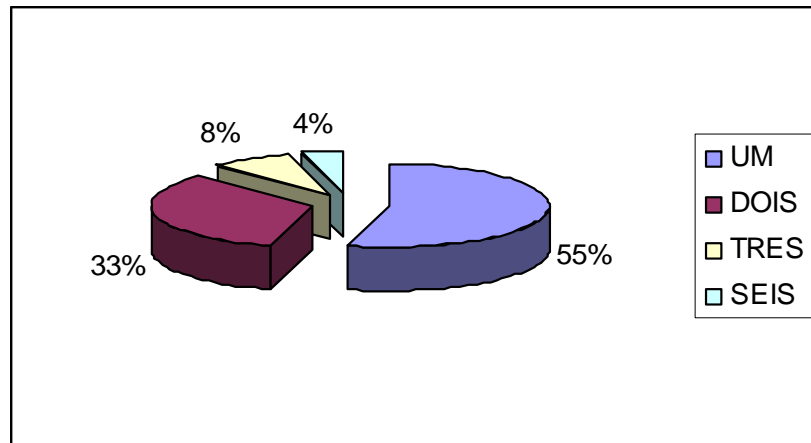


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Dos homens entrevistados, 55% possuem apenas um filho, 33% possuem dois filhos, 8% possuem 3 filhos e 4% possuem seis filhos (Gráfico 13).

Gráfico 13: Distribuição por número médio de filhos, sexo masculino

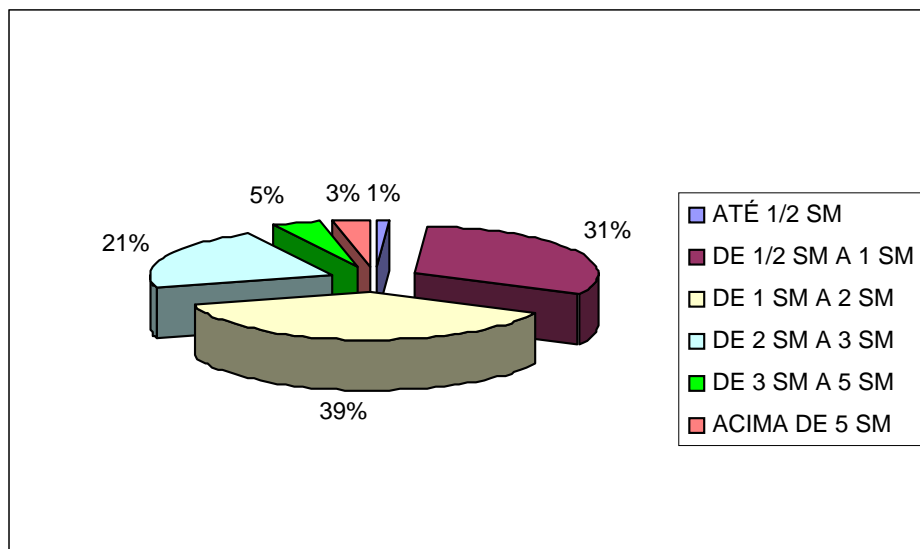


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

A renda mensal familiar de 39% dos jovens entrevistados é de 1 a 2 salários mínimos, seguidos de 31% dos jovens com renda mensal entre $\frac{1}{2}$ e 1 salário mínimo, e 21% com rendimentos entre 2 e 3 salários mínimos (Gráfico 14).

Gráfico 14: Distribuição da renda familiar mensal



Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

3.1 – A Questão da Educação

Educação

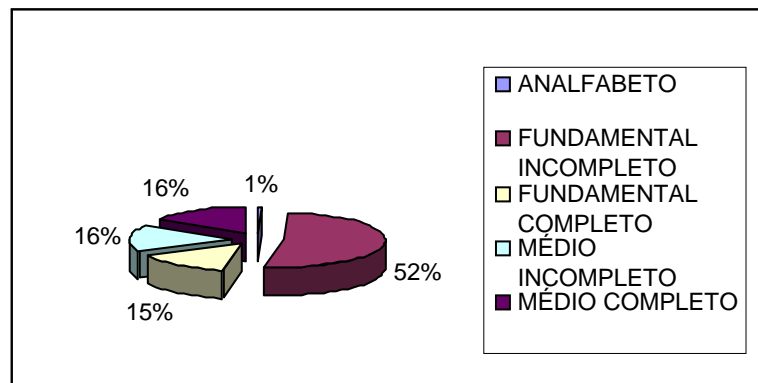
Os dados do Censo Demográfico, realizado pelo IBGE, no ano de 2000, dão conta de um percentual de 5,2% de jovens na faixa de 15 a 24 anos analfabetos, no Brasil. Para o Rio de Janeiro não-favela este número cai para 1,1% de analfabetos e no caso do bairro de Acari fica em 2,2%. Este fato pode ser explicado por Acari ser o bairro do Rio de Janeiro com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA). É importante frisar que, mesmo diante do alto grau de pobreza existente, a maioria dos jovens do local reluta e procura resistir aos apelos do tráfico. Boa parte dos renitentes busca entretenimento e tem hábitos de consumo fora de Acari como forma de se desvincular do local, explica o professor Dario de Souza, chefe do Departamento de Ciências Sociais da UERJ, em uma pesquisa apoiada pela FAPERJ.

Se a análise for feita sob o prisma da população favelada, este número sobe para 2,8% no Rio de Janeiro e 3,1% em Acari, ainda assim ficando abaixo da média brasileira. Percebe-se com isso que os pobres têm dificuldades maiores em garantir seu acesso à escola e em prolongar seus estudos.

Diferenciais podem ser detectados também no número médio de anos de estudo concluídos com aprovação (8,9 para os moradores do RJ não-favela e 6,6 para os jovens das favelas; já em Acari, 8,0 para os moradores do bairro de Acari e também 6,6 para o conjunto de moradores da favela), na proporção dos que conseguiram transpor apenas a barreira representada pelo antigo curso primário, quando analisados os moradores da favela (41,4 do RJ contra 42,0 de Acari).

Na análise do grau de escolaridade por sexo temos que, 52% das mulheres possuem Ensino Fundamental incompleto, seguidas por 16% das jovens com ensino médio completo, 16% com ensino médio incompleto e 15% com ensino fundamental completo (Gráfico 15).

Gráfico 15: Distribuição por grau de escolaridade, sexo feminino

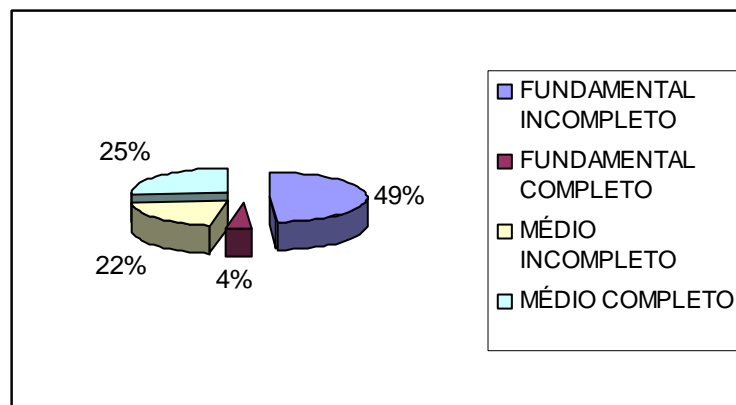


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Na população masculina temos 49% dos jovens com ensino fundamental incompleto, 25% com ensino médio completo, 22% com ensino médio incompleto e 4% com ensino fundamental completo. Não há entre os jovens entrevistados do sexo masculino nenhuma ocorrência de analfabetos (Gráfico 16).

Gráfico 16: Distribuição por grau de escolaridade, sexo masculino

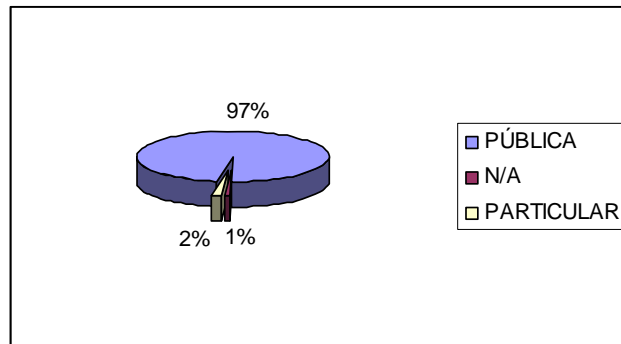


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Constata-se também que 97% das mulheres frequentou escola pública e apenas 2% particular (Gráfico 17).

Gráfico 17: Distribuição por tipo de escola frequentada, sexo feminino

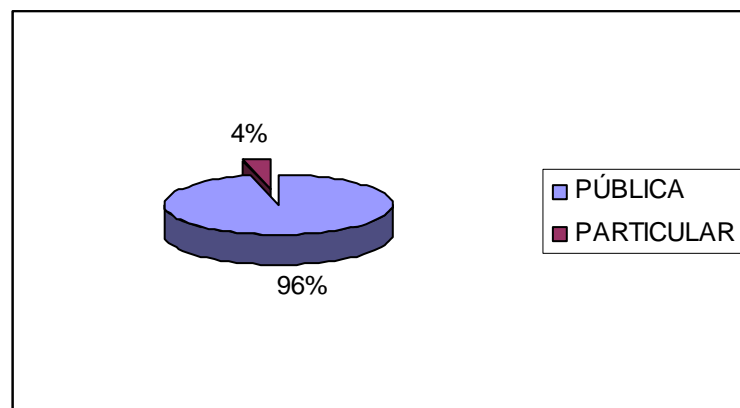


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Nos homens o índice é de 96% em escola pública e 4% em escola particular (Gráfico 18), reiterando a importância de um ensino de qualidade nestas, para que seja assegurada uma continuidade nos estudos.

Gráfico 18: Distribuição por tipo de escola frequentada, sexo masculino



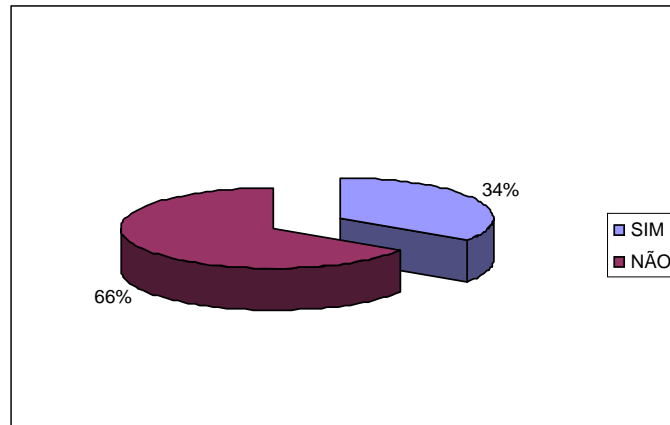
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Foi possível perceber também que 34% dos jovens entrevistados ainda estudam, e se levarmos em conta que a maior parte deles possui o Ensino Fundamental Incompleto,

conforme analisado acima, percebemos que a defasagem ano-série é realmente uma realidade entre este grupo (Gráfico 19).

Gráfico 19: Distribuição por frequência escolar

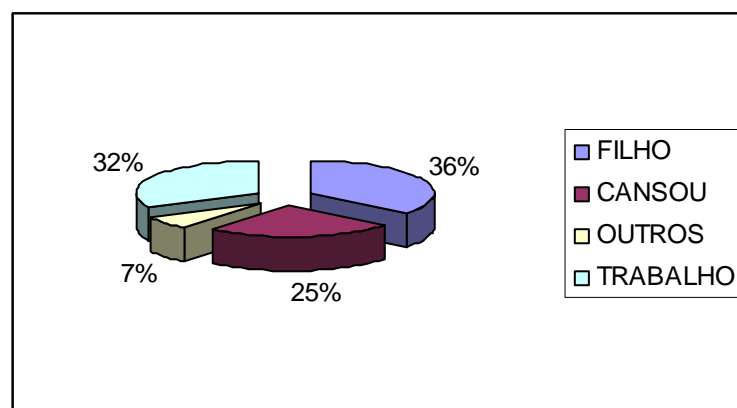


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Os motivos mais frequentes que levaram as mulheres a abandonar a escola foram em primeiro lugar a gravidez, com 36% das respostas, seguidas por 32% por ter que trabalhar, 25% dizendo estar cansada e 7% correspondentes aos outros motivos (Gráfico 20).

Gráfico 20: Distribuição por motivo de abandono escolar, sexo feminino



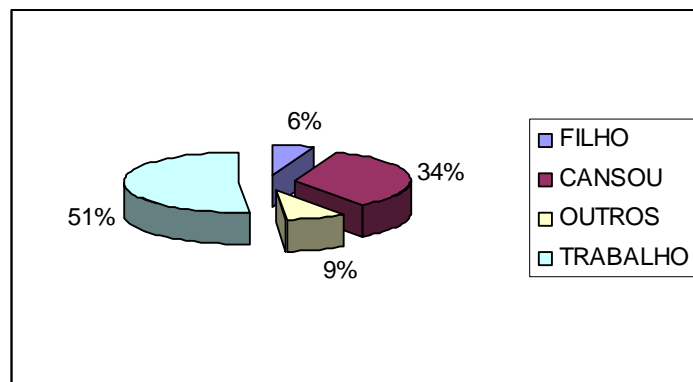
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Nos homens, 51% tiveram que interromper os estudos para trabalhar, seguidos por 34% que cansaram, dado a inadequação da educação oferecida aos jovens, em particular aos pobres. Outros fatores, tais como o fato de terem concluído o ensino médio também foram citados como motivo de interrupção dos estudos, além da falta de vagas e das greves constantes. Apenas 6% tiveram que abandonar os estudos por conta da paternidade (Gráfico 21).

Nenhum dos jovens entrevistados, independente do sexo, estava cursando uma faculdade, e não havia entre eles nem os que cogitavam esta possibilidade, parecendo que o papel deles já havia sido cumprido, que era o de terminar o Ensino Médio. Os fatos de eles terem atingido determinado nível de escolaridade lhes impõe a responsabilidade de prover rendimentos para o sustento da família, nem que seja com uma pequena contribuição.

Gráfico 21: Distribuição por motivo de abandono escolar, sexo masculino

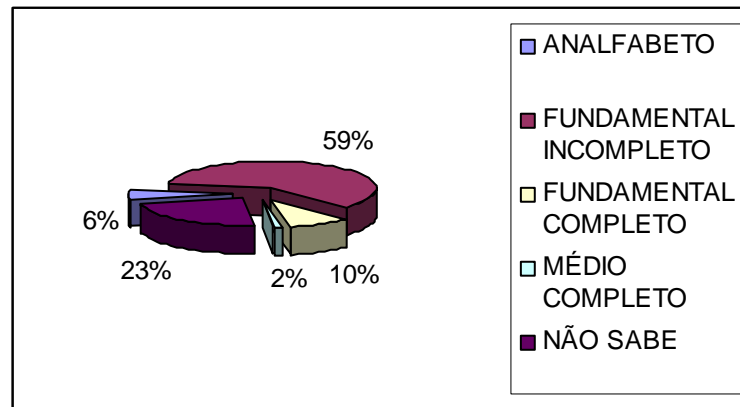


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Para a maioria dos jovens, a escolaridade média do pai é o Ensino Fundamental incompleto. Dentre as mulheres, 59% dos seus pais possuem ensino fundamental incompleto, 23% não sabem a escolaridade do pai. Apenas 10% dos pais possuem o ensino fundamental completo e 2% possuem o ensino médio completo (Gráfico 22).

Gráfico 22: Distribuição pelo grau de escolaridade do pai, sexo feminino



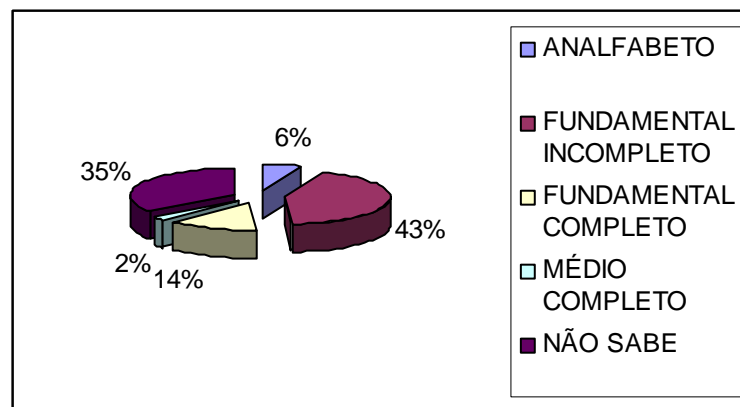
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Nos homens o percentual de pais com ensino fundamental incompleto cai para 43%, e o percentual dos que não sabem a escolaridade sobe para 35%, seja por não saberem onde ele está ou por não terem tido a curiosidade de perguntar. O percentual de pais com ensino fundamental completo neste caso sobe para 14% (Gráfico 23).

O percentual de pais com ensino médio completo é de 2%, o mesmo encontrado no caso das mulheres, assim como o percentual de analfabetos, que em ambos os casos são de 6%.

Gráfico 23: Distribuição pelo grau de escolaridade do pai, sexo masculino

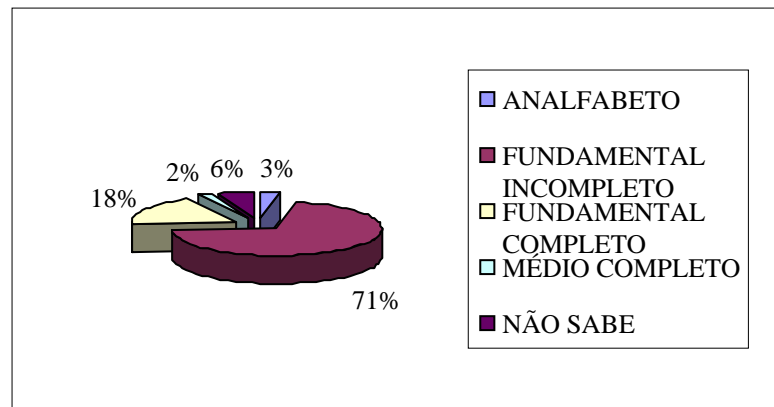


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No caso da escolaridade materna, poucas foram as entrevistadas que não sabiam dizer a escolaridade de suas mães e em 71% dos casos a escolaridade encontrada foi o Ensino Fundamental incompleto (Gráfico 24).

Gráfico 24: Distribuição pelo grau de escolaridade da mãe, sexo feminino

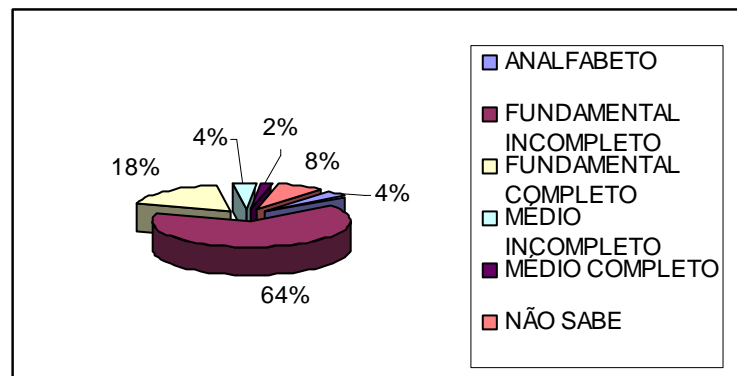


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No Gráfico 25 vimos que apenas 8% dos homens não sabem a escolaridade da mãe, já que muitas vezes são estas que impulsionam os filhos para o estudo e servem como exemplo para os mesmos. A escolaridade das mães é mais homogênea e, em ambos os sexos elas apresentam similaridades.

Gráfico 25: Distribuição pelo grau de escolaridade da mãe, sexo masculino

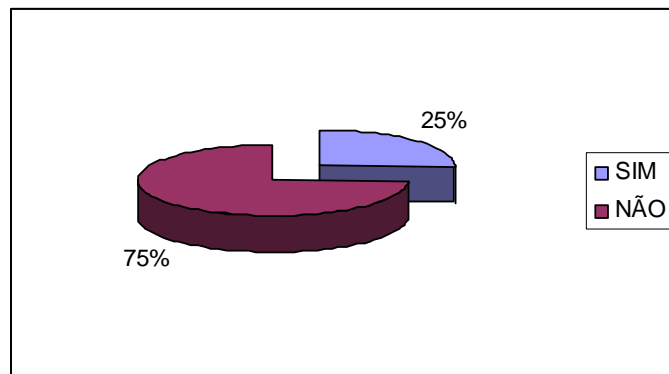


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Se for feita uma análise em cima dos cursos frequentados, é possível constatar que apenas 25% das jovens já fizeram ou fazem algum tipo de curso profissionalizante, concentrados em sua maior parte na área de informática, mas aparecendo também cursos de culinária, artesanato, corte e costura, manicure e cabeleireiro (Gráfico 26).

Gráfico 26: Distribuição por freqüência em curso profissionalizante, sexo feminino

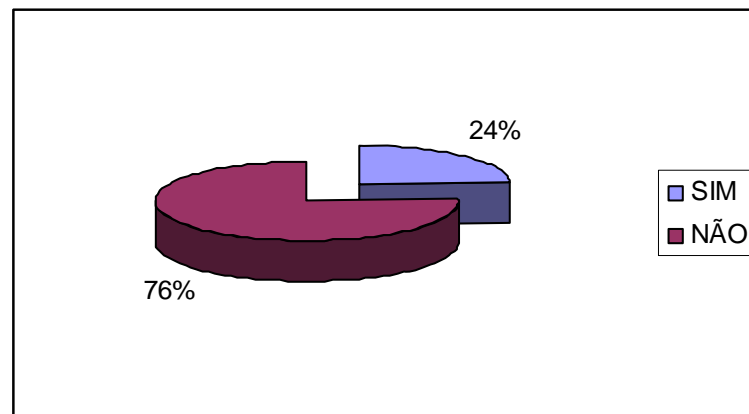


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Os percentuais masculinos, representados no Gráfico 27 caem para 24% e a maior freqüência também é no curso de informática, seguida por montagem e manutenção de micro, eletricista e técnico de refrigeração.

Gráfico 27: Distribuição por freqüência em curso profissionalizante, sexo masculino

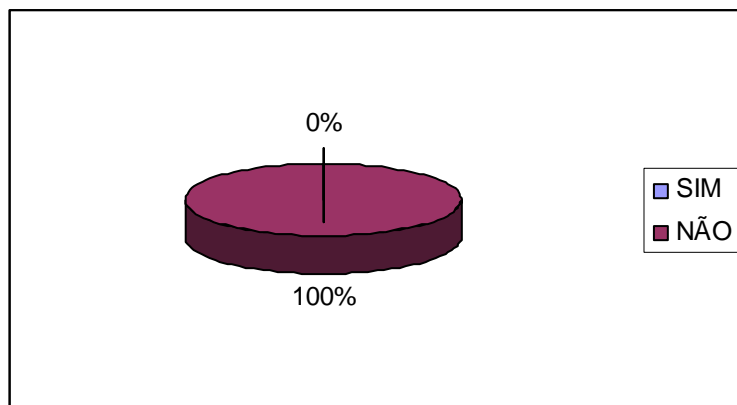


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Dado que a maioria destes jovens vive num ambiente conturbado, cercado por violência, seja por parte dos “bandidos”, seja por parte da polícia, se fez necessária a pergunta sobre a violência local. Nenhuma mulher disse ter praticado alguma forma de violência (Gráfico 28).

Gráfico 28: Distribuição por violência praticada, sexo feminino

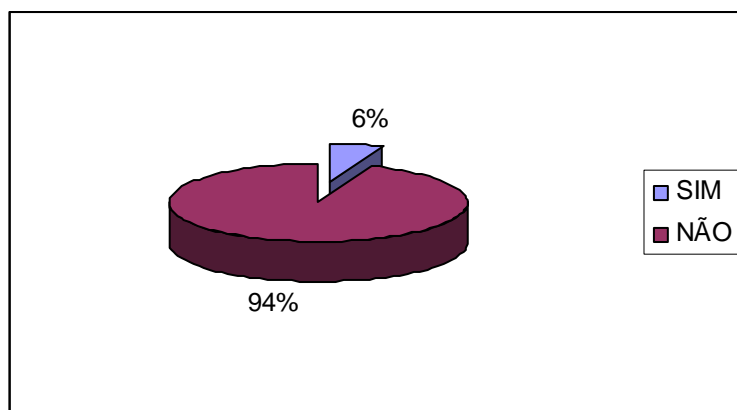


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Nos homens, 6% dizem já ter praticado alguma forma de violência (Gráfico 29).

Gráfico 29: Distribuição por violência praticada, sexo masculino

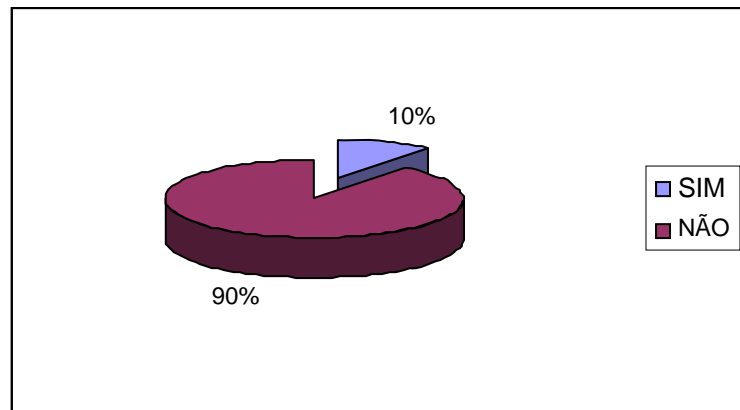


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No que diz respeito à violência sofrida, apenas 10% das jovens responderam positivamente a esta pergunta, confirmando que os mais prejudicados com tal problema são os jovens do sexo masculino (Gráfico 30).

Gráfico 30: Distribuição por violência sofrida, sexo feminino

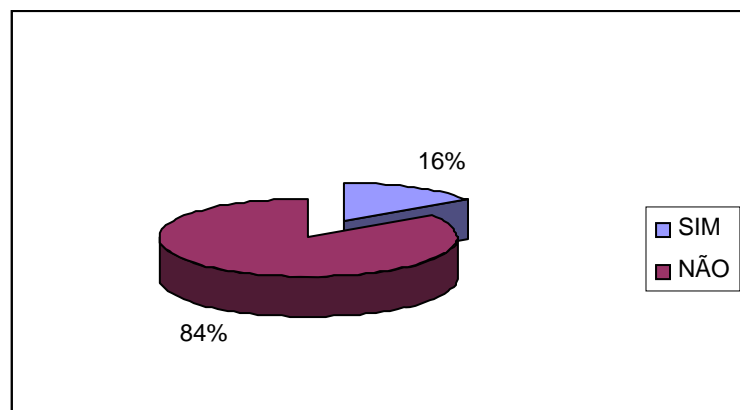


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Nos homens, 16% alegam já terem sofrido algum tipo de violência (Gráfico 31), principalmente por parte dos policiais.

Gráfico 31: Distribuição por violência sofrida, sexo masculino



Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

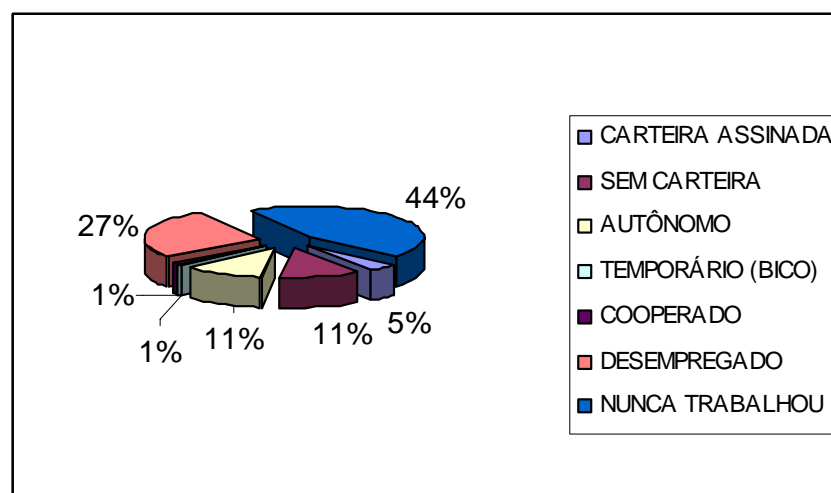
O ambiente violento ainda marca a comunidade que desde o dia 23 de Julho de 1990, espera uma resposta para o que ocorreu a seus jovens. Na ocasião onze jovens saíram da favela para passar um fim de semana num sítio em Magé, Zona Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e nunca mais voltaram. A versão mais provável é a de que os jovens foram seqüestrados e mortos como “queima de arquivo”. Há ainda a suspeita de que dois deles

tenham traído um policial civil num caso de corrupção. Hoje, passados 16 anos, as mães destes jovens, que ficaram mundialmente conhecidas como “Mães de Acari” ainda lutam bravamente por notícias confiáveis sobre eles. Elas querem apenas achar os corpos de seus filhos e que os assassinos de seus entes queridos sejam punidos.

3.2 – A Questão do Trabalho e da Renda

A maioria das jovens entrevistados, ou seja, 44%, nunca trabalharam (Gráfico 32). Este fato pode ser explicado pelas mulheres realizarem os afazeres domésticos e por serem as principais responsáveis pela educação e criação dos filhos. O percentual de empregados é de 29%, divididos entre os empregados sem carteira assinada, com carteira assinada, os autônomos, os temporários e os cooperados. Uma parcela significativa das jovens aparece como desempregada, ou seja, 27%, evidenciando as diferenciações no mercado de trabalho. Os jovens que disseram estar desempregado fazem parte da PEA e estão em busca de oportunidade de trabalho.

Gráfico 32: Distribuição por condição de trabalho, sexo feminino

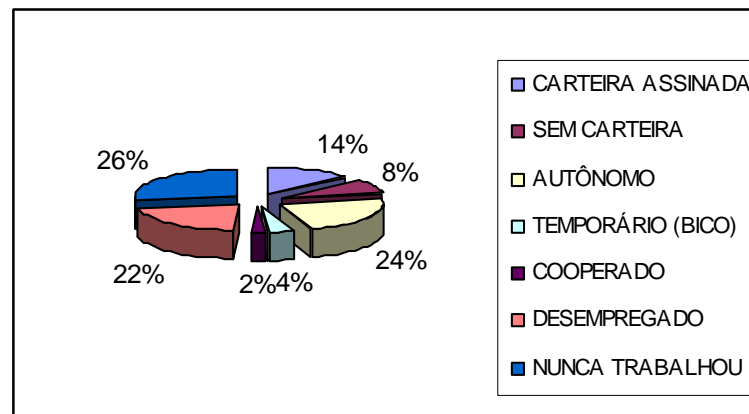


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Apenas 26% dos homens nunca trabalharam. Dos jovens entrevistados, 52% possuem algum tipo de trabalho, mesmo que em condições precárias, mesmo porque, um percentual de 24% é trabalhador autônomo. O percentual de desempregados é de 22% (Gráfico 33).

Gráfico 33: Distribuição por condição de trabalho, sexo masculino

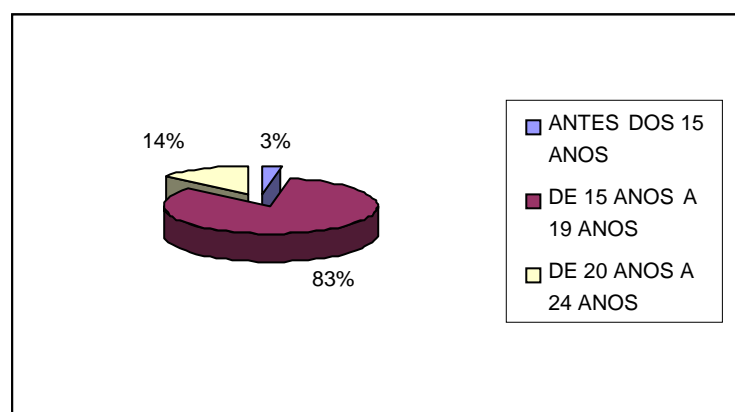


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

A maioria dos jovens começou a trabalhar entre 15 e 19 anos, em ambos os sexos o percentual é superior a 80%. No caso feminino, 14% das entrevistadas começou a trabalhar após os 20 anos (Gráfico 34).

Gráfico 34: Distribuição por idade de início do trabalho, sexo feminino

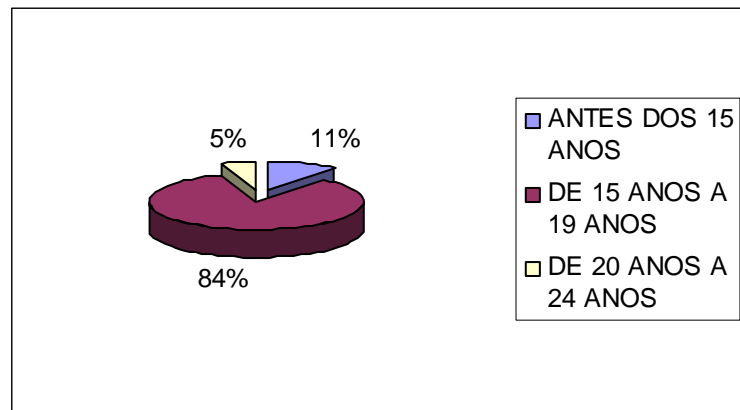


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No caso dos homens ocorre o inverso, já que 11% destes começaram a trabalhar antes dos 15 anos e apenas 5% após os 20 anos (Gráfico 35).

Gráfico 35: Distribuição por idade de início do trabalho, sexo masculino

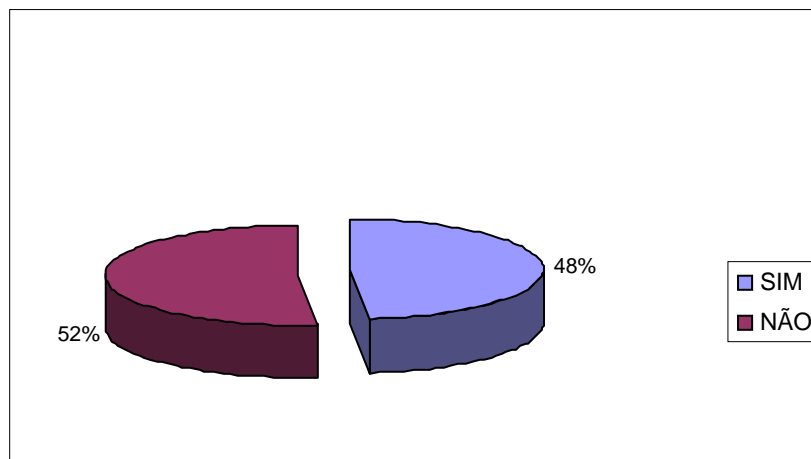


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Do total dos jovens da favela de Acari que trabalham, cerca de 48% ainda o fazem no local que lhe proporcionou a primeira experiência de trabalho, ou seja, no primeiro emprego (Gráfico 36)

Gráfico 36: Distribuição por ocorrência do primeiro emprego



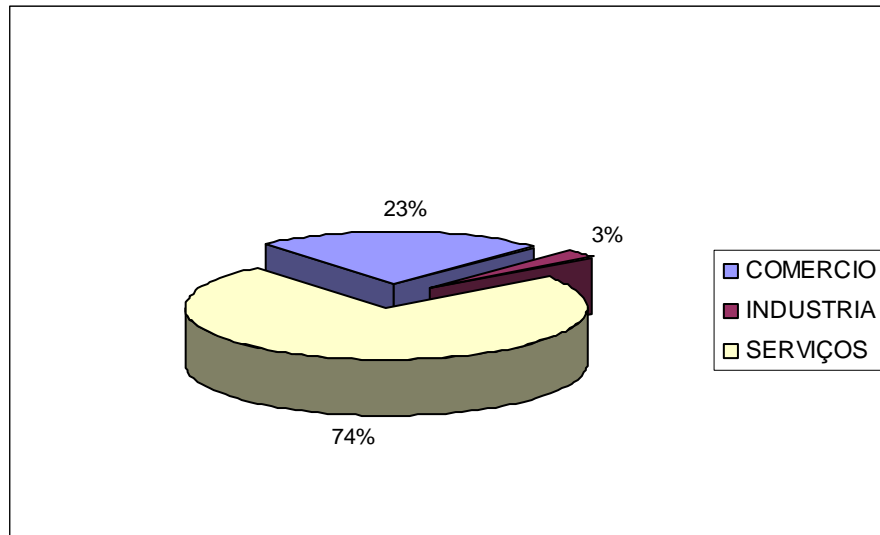
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Tomando por base ainda esta população, observa-se que, 74% dos jovens estão empregados no setor de serviços, evidenciando a grande quantidade de contratações deste

setor. Do restante, 23% estão alocados no comércio e apenas 3% da amostra na indústria (Gráfico 37).

Gráfico 37: Distribuição por área do primeiro emprego

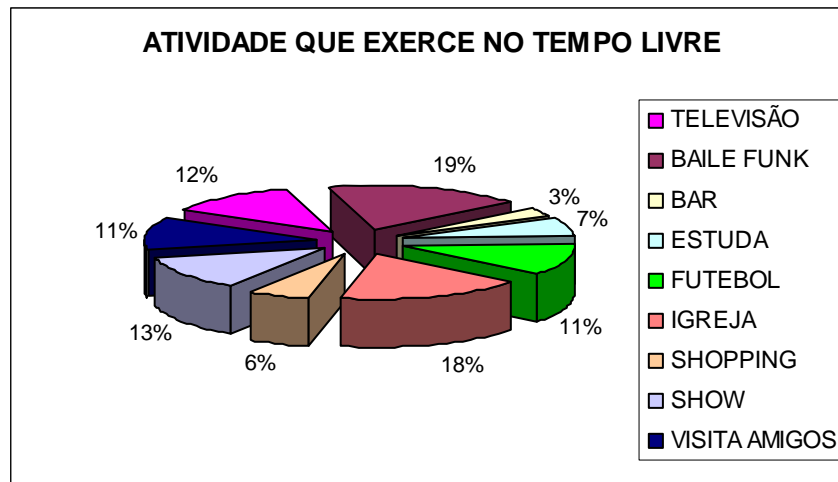


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No tempo livre, os jovens fazem as mais variadas atividades, entre elas destacam-se os “bailes funks” da comunidade, com 19%, despontando como o principal lazer dos mesmos, ou vão à igreja, com 18%, dado o grande número de evangélicos, principalmente nas camadas mais pobres da população. Assistir televisão, ir a shows, visitar amigos e jogar futebol também foram citados com frequência (Gráfico 38).

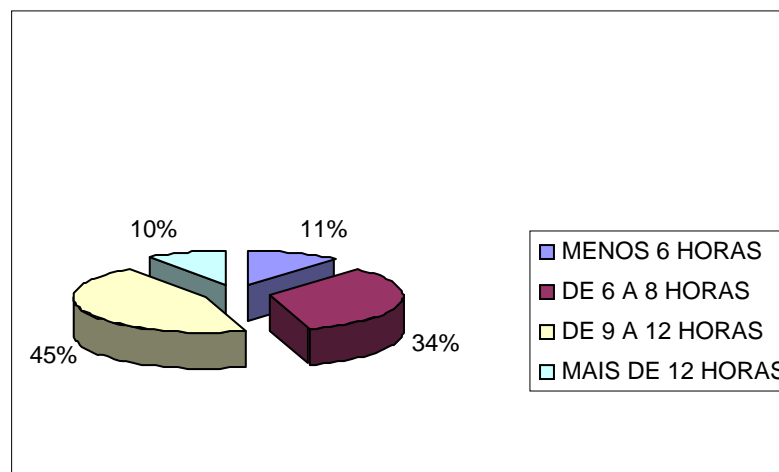
A conclusão que chegamos é a de que mesmo entre esses jovens, que muitas vezes não possuem rendimentos ou escolaridade adequados, o lazer ainda desponta como elemento incentivador e serve de fuga da difícil realidade cotidiana.

Gráfico 38: Distribuição por atividade exercida no tempo livre

Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

De acordo com o Gráfico 39, os jovens trabalham em média, de 9 a 12 horas por dia, com 45% do total entrevistado. Outros tantos trabalham de 6 a 8 horas, representando um total de 34% dos entrevistados. É importante frisar que entre os jovens que trabalham, cerca de 55% a exercem acima da jornada de 8 horas diárias.

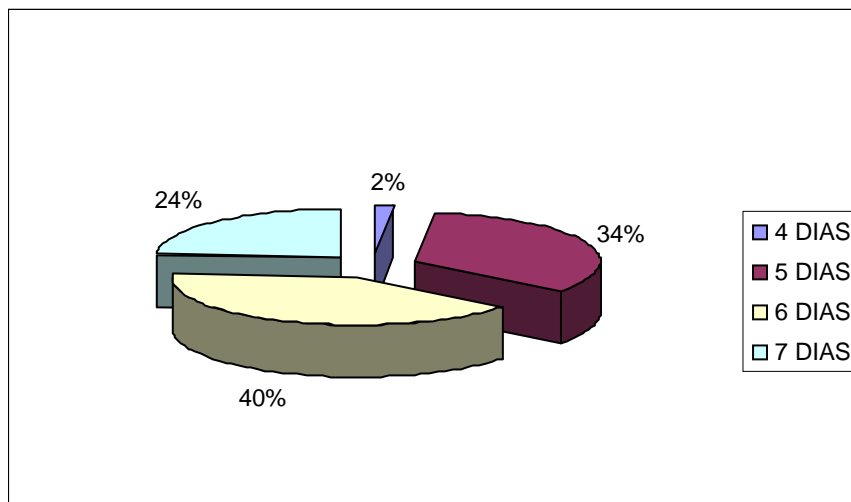
Gráfico 39: Distribuição da média de horas trabalhadas por dia

Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No que tange a quantidade de dias trabalhados, 40% trabalham em média 6 dias na semana; 34% trabalham 5 dias na semana; e 24% trabalham todos os 7 dias da semana (Gráfico 40).

Gráfico 40: Distribuição da média de dias trabalhados

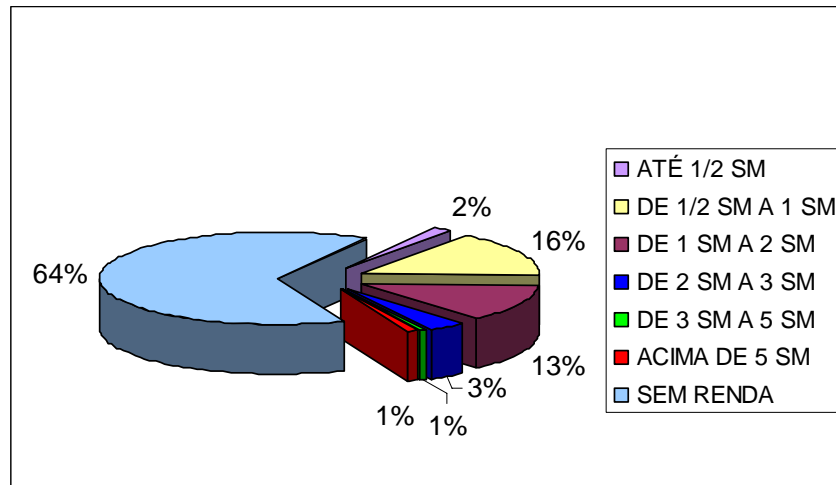


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Renda

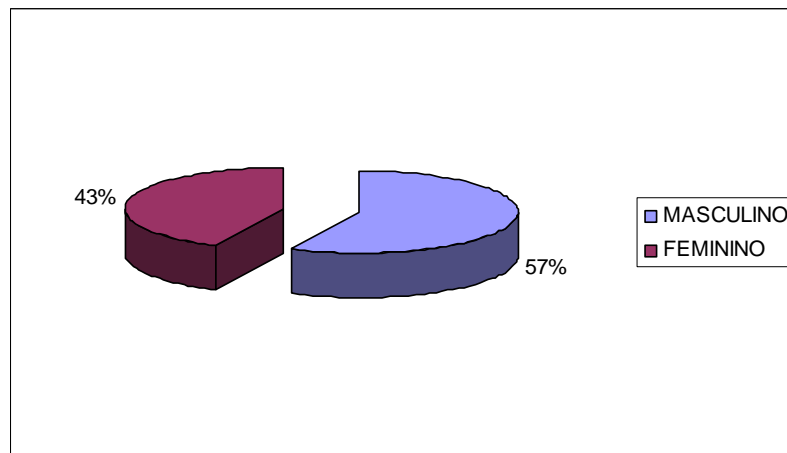
O rendimento dos jovens evidencia a condição de trabalho, com 64% destes sem rendimentos algum, seguidos por 16% de jovens que ganham entre $\frac{1}{2}$ e 1 salário mínimo, 13% com rendimentos entre 1 e 2 salários mínimos e 3% entre 2 e 3 salários mínimos (Gráfico 41). Proporcionalmente, se for levado em conta apenas o percentual de jovens que trabalha, temos, 45% dos jovens com rendimentos entre $\frac{1}{2}$ e 1 salário mínimo, 37% ganhando entre 1 e 2 salários mínimos e 10% entre 2 e 3 salários. Com relação aos jovens que recebem rendimentos acima de 5 salários, cabe ressaltar que são provenientes do tráfico de drogas da comunidade.

Gráfico 41: Distribuição pela renda mensal individual

Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Em 57% dos lares destes jovens, o chefe da família é do sexo masculino (Gráfico 42).

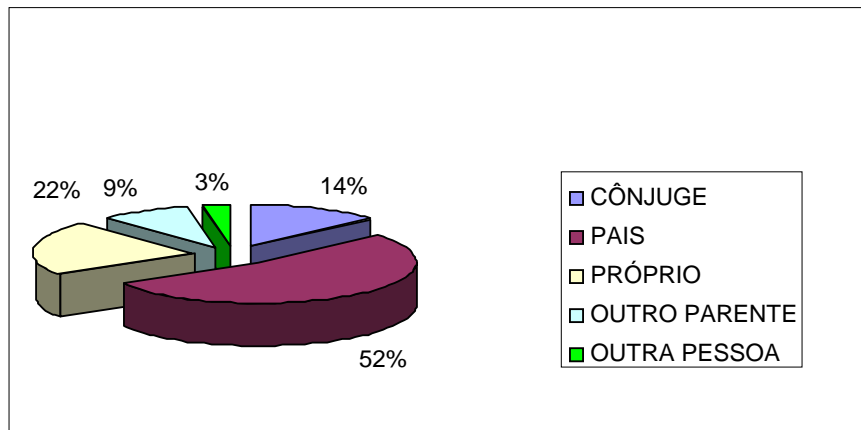
Gráfico 42: Distribuição por gênero do chefe da família

Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Na maioria das vezes, ou seja, em 52% dos casos, o chefe é um dos pais, há também ocorrência dos próprios jovens serem os responsáveis pelo sustento dos lares, ficando com 22% do total. Também foram citados os cônjuges e outro parente como chefes da família (Gráfico 43).

Gráfico 43: Distribuição por parentesco do chefe da família em relação ao jovem



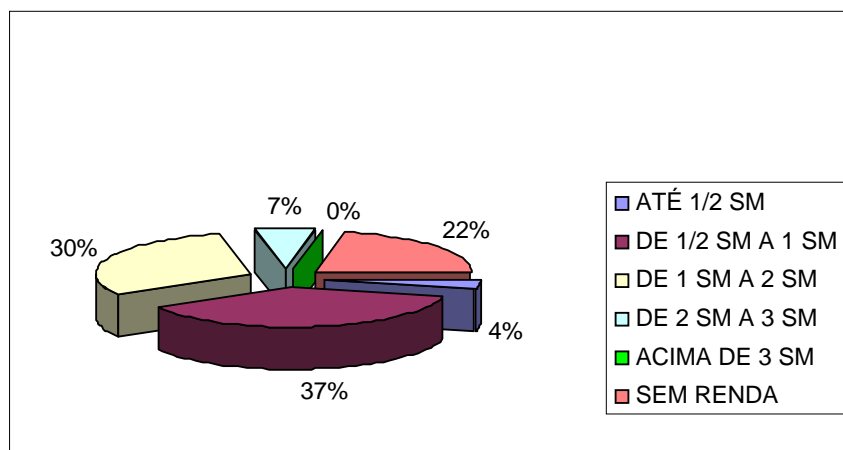
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

O perfil do trabalhador jovem não é dos mais animadores quando relacionado aos indicadores de rendimentos e número de horas trabalhadas: dos jovens que trabalham 82% recebem até 2 salários mínimos advindos do trabalho principal e 55% trabalham mais de 40 horas por semana, o que pode ser considerado uma inserção bastante precária no mercado de trabalho.

Quando entram em cena os rendimentos dos pais, temos evidenciado o fato de que os rendimentos dos jovens são superiores ao de seus pais. No caso do pai, 37% ganham entre $\frac{1}{2}$ e 1 salário mínimo e 30% entre 1 e 2 salários mínimos (Gráfico 44).

Gráfico 44: Distribuição pela renda mensal do pai

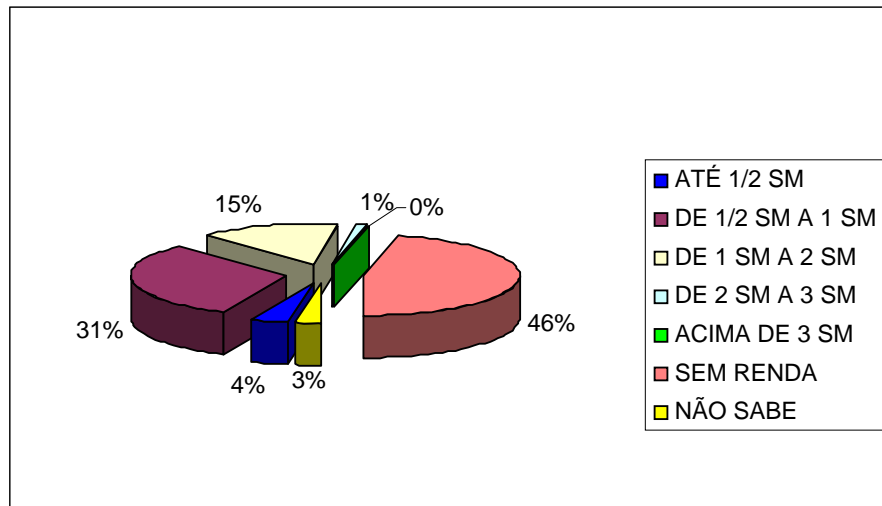


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No caso das mães, 46% destas não possuem rendimento devido ao fato de serem donas de casa, e 31% possuem rendimentos entre $\frac{1}{2}$ e 1 salário mínimo (Gráfico 45). Reiterando com isso o peso da escolaridade na obtenção de uma colocação no mercado de trabalho.

Gráfico 45: Distribuição pela renda mensal da mãe



Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

3.3 – A Mobilidade Intergeracional

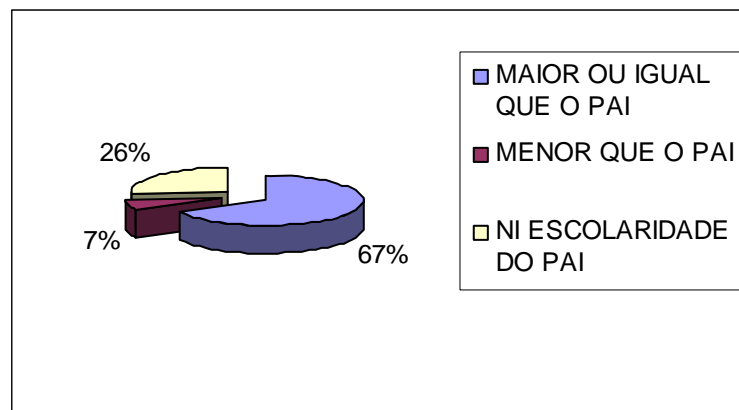
Para traçar o perfil educacional e ocupacional dos jovens, tornou-se necessário também um estudo da mobilidade intergeracional educacional e de renda desta amostra. Sendo assim, foi feita uma comparação entre os jovens e seus pais. O cruzamento de dados foi feito comparando-se num primeiro momento a escolaridade do jovem em relação ao pai, e em seguida em relação à mãe. O passo seguinte da análise foi uma observação da renda do jovem, dado que estes jovens possuem uma escolaridade maior ou igual que ambos, em relação ao pai e a mãe.

A primeira análise foi feita juntando todos os jovens que possuem escolaridade superior, e a análise posterior aconteceu por faixas de estudo. Sendo assim, os jovens foram divididos por: Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio

Incompleto e Ensino Médio Completo. Os resultados obtidos estão listados nos gráficos que se seguem.

Pode-se observar pelo Gráfico 46 que 67% dos jovens entrevistados possuem escolaridade maior ou igual a de seu pai, e apenas 7% tem escolaridade inferior. Nesse caso, 22% dos jovens não sabiam informar a escolaridade do pai.

Gráfico 46: Escolaridade Pai x Jovem

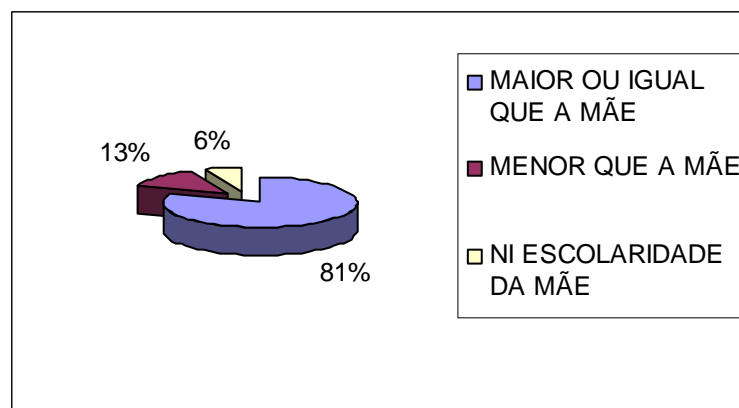


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No Gráfico 47 temos a comparação da escolaridade dos jovens em relação às mães, e como a maioria dos jovens sabia informar a escolaridade materna conseguimos observar que a situação é ainda mais favorável, com 81% dos jovens possuindo escolaridade igual ou superior às mães, e apenas 13% possuindo escolaridade inferior.

Gráfico 47: Escolaridade Mãe x Jovem

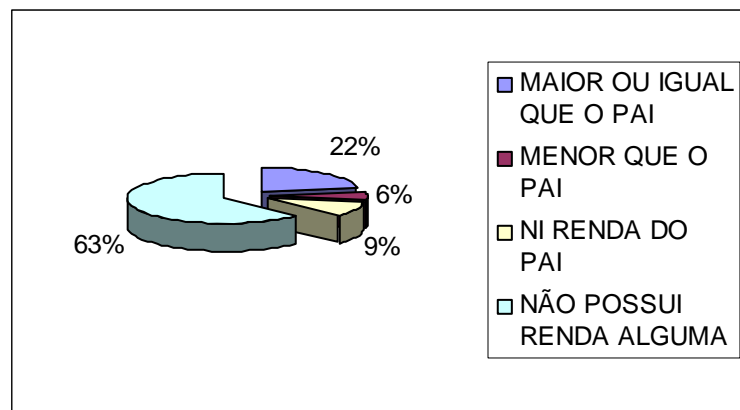


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No Gráfico 48 foi feita uma comparação da renda dos 119 jovens que possuem escolaridade superior ao pai, e observou-se que destes, 63% não possuem renda alguma, 22% possuem uma renda igual ou maior que o pai e 6% uma renda menor. Apenas 9% dos jovens não sabiam informar a renda do pai.

Gráfico 48: Comparação da renda do jovem em relação ao pai, dado que o jovem possui escolaridade superior ao pai

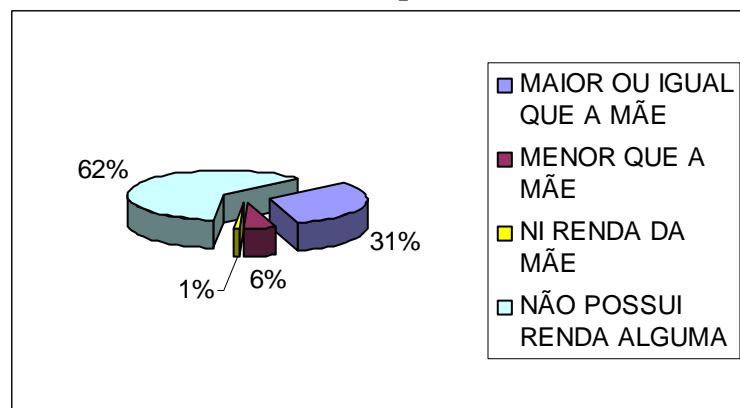


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No Gráfico 49 a comparação é feita em relação à renda materna, e percebe-se que dos 143 jovens, 62% não possuem renda alguma, 31% possuem renda maior ou igual a mãe e 6% uma renda menor. Apenas 1% dos jovens não soube informar a renda da mãe.

Gráfico 49: Comparação da renda do jovem em relação à mãe, dado que o jovem possui escolaridade superior a mãe



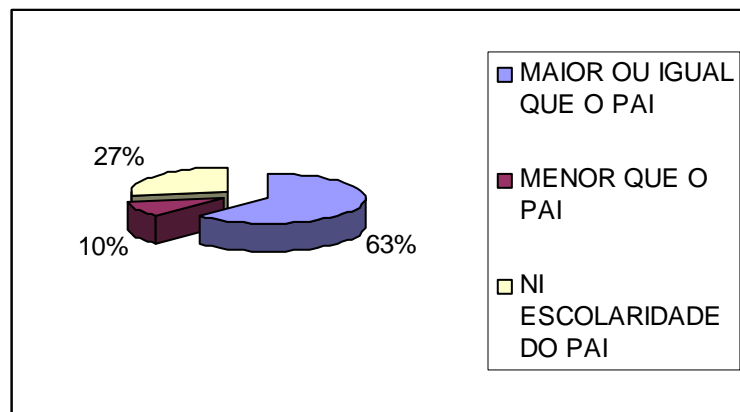
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

A partir desta fase tornou-se necessário separar os jovens de acordo com o nível educacional, para identificar qual nível causou mais impacto sobre os resultados apresentados anteriormente.

No Gráfico 50 foi analisado o perfil educacional dos jovens e constatou-se que 91 dos 177 jovens entrevistados possuíam o Ensino Fundamental Incompleto. Porém, mesmo entre os jovens com este nível educacional, 63% dos jovens possuíam escolaridade superior que o pai, 10% menor e outros 27% não sabiam informar a escolaridade do pai.

Gráfico 50: Ensino Fundamental Incompleto - Escolaridade Pai x Jovem

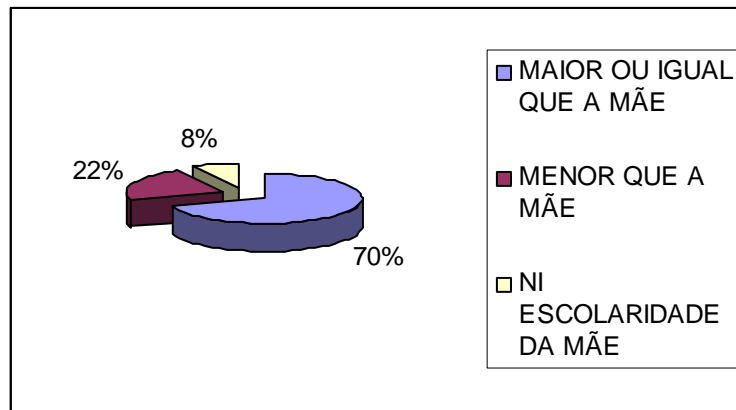


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Se for analisado o caso materno, apresentado no Gráfico 51, percebemos que a situação dos jovens fica ainda pior, já que apesar de 70% dos jovens possuírem uma escolaridade igual ou superior à mãe, outros 22% a têm inferior. Neste caso, apenas 8% dos jovens não sabiam informar a escolaridade da mãe.

Gráfico 51: Ensino Fundamental Incompleto - Escolaridade Mãe x Jovem

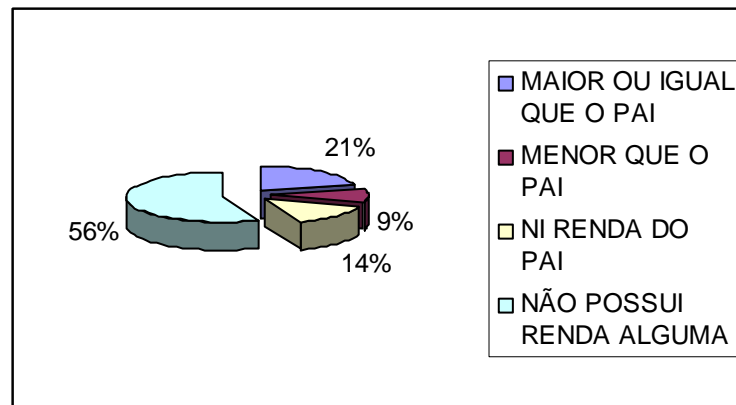


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Quando analisamos a renda dos jovens com escolaridade superior ao pai, percebemos que, dos 57 jovens com tal característica, 56% não possuem renda alguma, 21% possuem renda maior ou igual que o pai, 14% não sabiam informar a renda do pai e 9% possuem renda menor que o pai (Gráfico 52).

Gráfico 52: Ensino Fundamental Incompleto - Comparação da renda do jovem em relação ao pai, dado que o jovem possui escolaridade superior ao pai

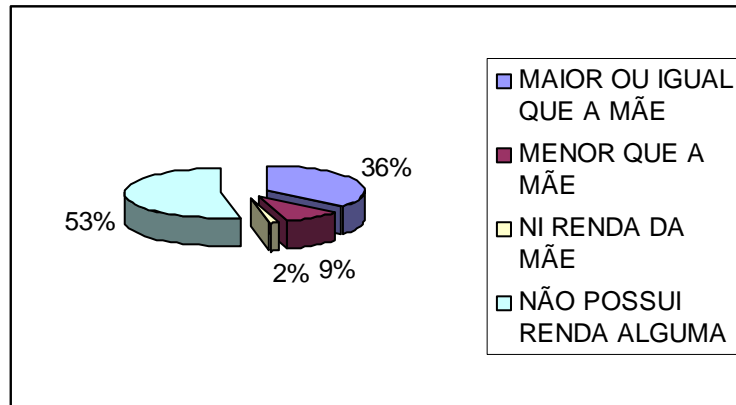


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Se a análise for feita para o caso materno temos um número de 64 jovens, e destes, 53% não possuem renda alguma, 36% possuem renda maior ou igual que a mãe, 9% possuem renda inferior à mãe e apenas 2% não sabiam informar a renda materna (Gráfico 53).

Gráfico 53: Ensino Fundamental Incompleto - Comparação da renda do jovem em relação à mãe, dado que o jovem possui escolaridade superior a mãe

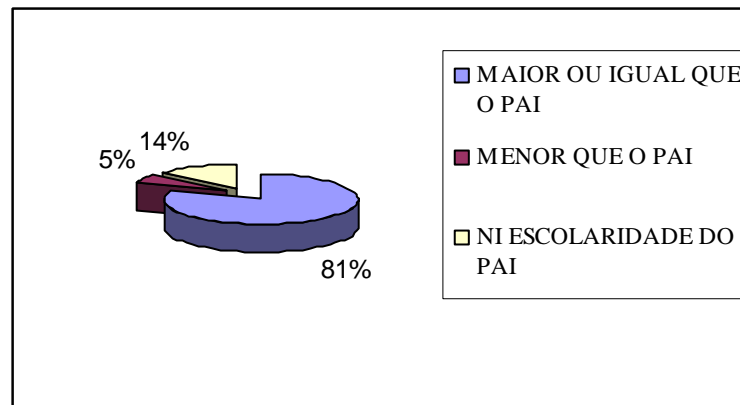


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Quando analisamos o nível subsequente, observamos que o número de jovens com Ensino Fundamental Completo cai para 21 jovens. Destes, 81% possuem escolaridade superior ao pai, 14% não souberam informar a escolaridade paterna e apenas 5% possuem uma escolaridade inferior (Gráfico 54).

Gráfico 54: Ensino Fundamental Completo - Escolaridade Pai x Jovem



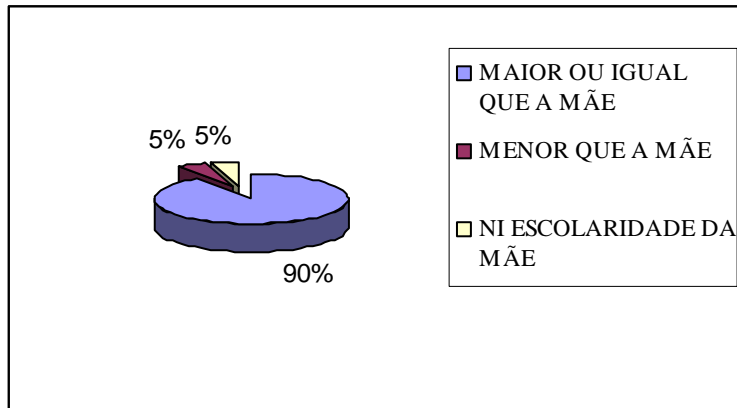
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No Gráfico 55 a análise é feita em cima da escolaridade materna e constata-se que 90% dos jovens possuem escolaridade maior ou igual à mãe, 5% não sabiam informar a escolaridade e outros 5% possuem escolaridade inferior.

Percebe-se então que além dos jovens, em geral, saberem mais as informações da mãe, normalmente também possuem escolaridade superior às mesmas.

Gráfico 55: Ensino Fundamental Completo - Escolaridade Mãe x Jovem

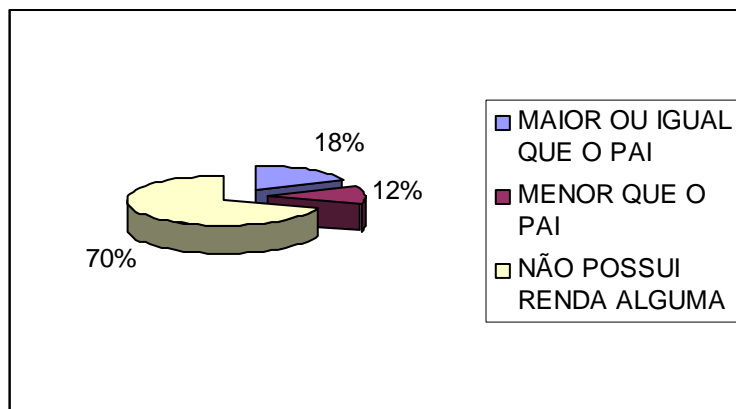


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No estudo da renda, constatamos que 70% dos 17 jovens que possuem escolaridade superior ao pai, com Ensino Fundamental Completo, não possuem renda alguma. Apenas 18% possuem renda maior ou igual e 12% renda menor. Todos os jovens sabiam informar a renda do pai (Gráfico 56).

Gráfico 56: Ensino Fundamental Completo - Comparação da renda do jovem em relação ao pai, dado que o jovem possui escolaridade superior ao pai

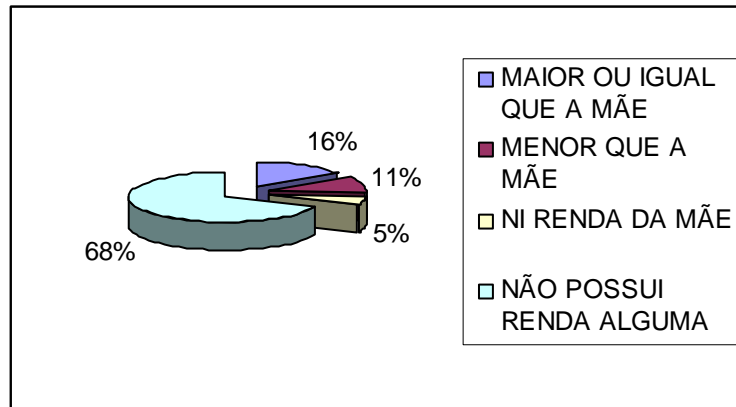


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No caso materno, 68% dos 19 jovens não possuem renda alguma, 16% possuem renda maior ou igual, 11% possuem renda menor e 5% não sabiam informar a renda da mãe.

Gráfico 57: Ensino Fundamental Completo - Comparação da renda do jovem em relação à mãe, dado que o jovem possui escolaridade superior a mãe

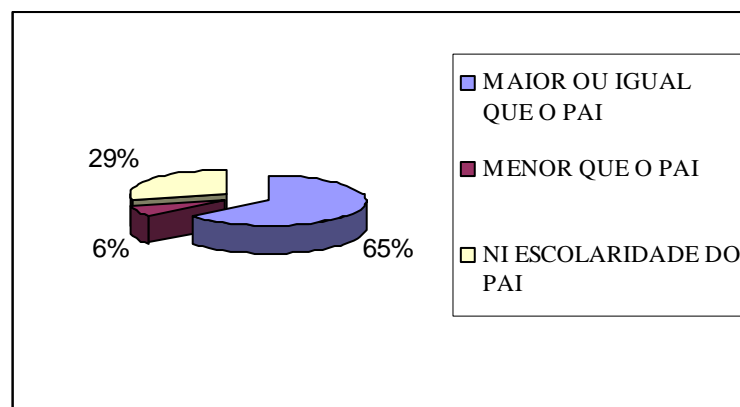


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Aumentando um pouco mais o nível educacional constatamos que dos 31 jovens que possuem o Ensino Médio Incompleto, 65% tem escolaridade maior ou igual que o pai, 29% não sabiam informar a escolaridade do pai e apenas 6% possuíam escolaridade inferior (Gráfico 58).

Gráfico 58: Ensino Médio Incompleto - Escolaridade Pai x Jovem

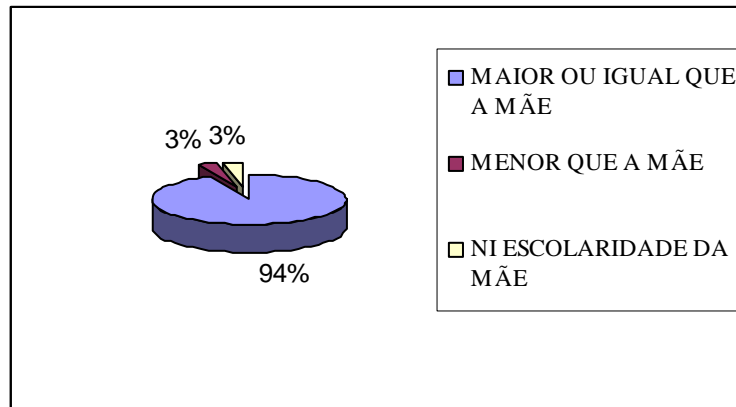


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

No Gráfico 59 temos a escolaridade materna e percebemos que 94% dos jovens têm escolaridade maior ou igual à mãe, 3% têm escolaridade inferior e 3% não sabiam informar a escolaridade das mesmas.

Gráfico 59: Ensino Médio Incompleto - Escolaridade Mãe x Jovem

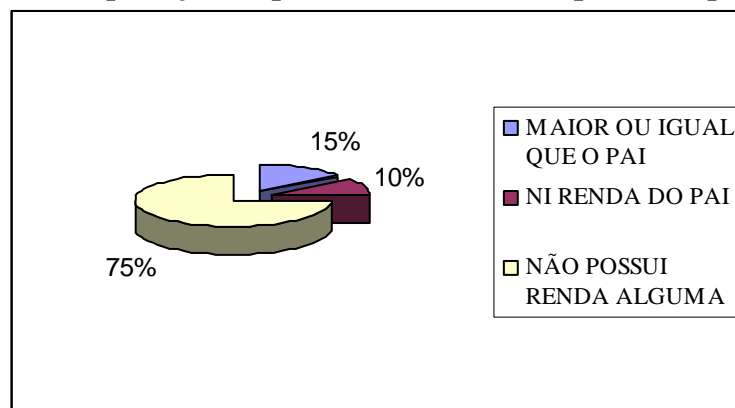


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Quando analisada a questão da renda percebemos que dos 20 jovens com Ensino Médio Incompleto e escolaridade superior ao pai, 75% não possuem renda alguma, 15% possuem renda igual ou superior ao pai e 10% não sabiam informar a renda do pai.

Gráfico 60: Ensino Médio Incompleto - Comparação da renda do jovem em relação ao pai, dado que o jovem possui escolaridade superior ao pai

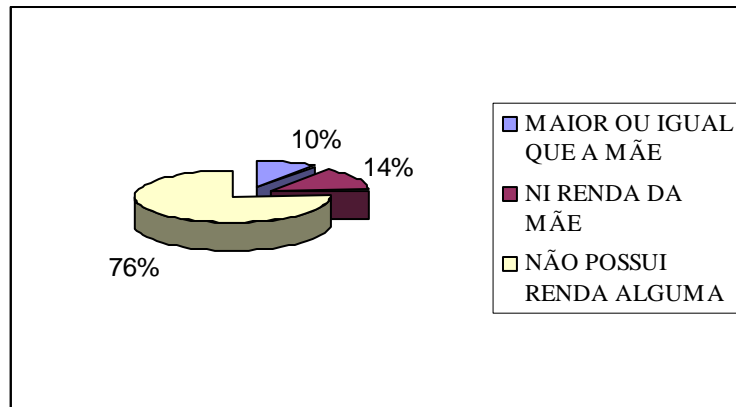


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Para o mesmo dado, agora com o caso materno, percebemos que o número de jovens sobe para 29 e, destes, 76% não possuem rendimento algum. Outros 14% não souberam informar a renda e apenas 10% possuíam renda maior ou igual (Gráfico 61).

Gráfico 61: Ensino Médio Incompleto - Comparação da renda do jovem em relação à mãe, dado que o jovem possui escolaridade superior a mãe

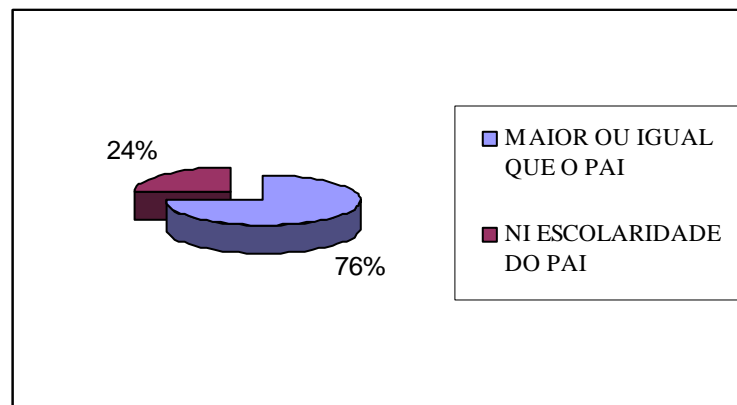


Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Chegando agora ao mais alto nível educacional encontrado nas comunidades onde tal pesquisa foi feita constatamos que dos 33 jovens com Ensino Médio Completo, 76% possuem escolaridade igual ou superior que o pai. Os 24% restantes não sabiam informar a escolaridade dos pais (Gráfico 62).

Gráfico 62: Ensino Médio Completo - Escolaridade Pai x Jovem



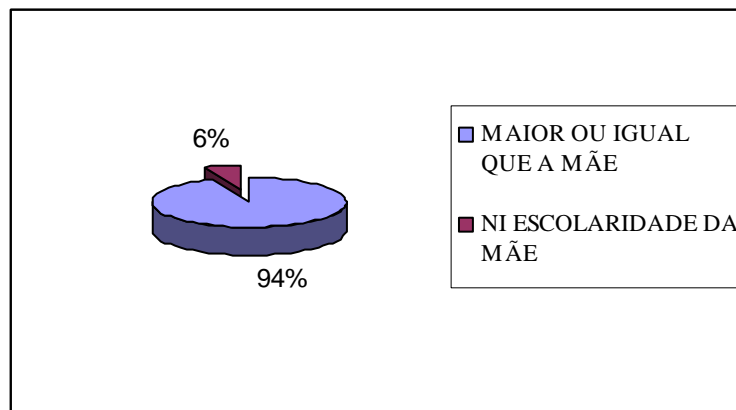
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Se analisarmos a escolaridade das mães dos jovens, no Gráfico 63, percebemos que 94% possuíam uma escolaridade igual ou superior e apenas 6% não sabiam informar a escolaridade da mãe.

Tanto no caso materno quanto no caso paterno não houve ocorrência de jovens com escolaridade inferior aos pais, na análise dos jovens das favelas do Complexo de Acari que possuem o Ensino Médio Completo. Podemos constatar com isso que na favela de Acari há mobilidade educacional, principalmente nos níveis educacionais mais elevados. Também não houve nenhuma ocorrência de jovens ou pais com Ensino Superior Completo, Incompleto ou ainda mesmo cursando.

Gráfico 63: Ensino Médio Completo - Escolaridade Mãe x Jovem



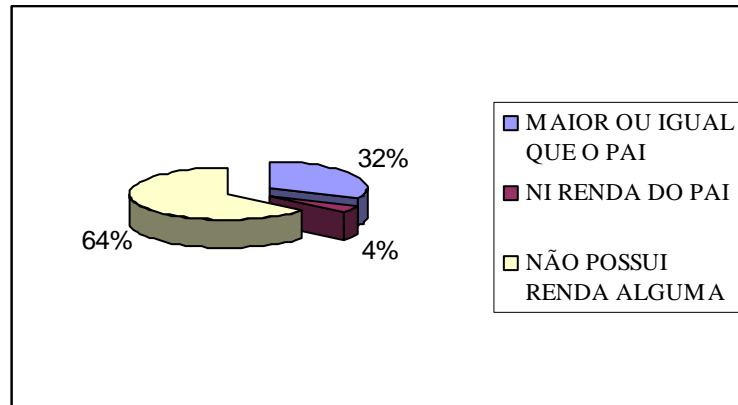
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

De maneira análoga ao que ocorreu com os jovens de Ensino Médio Incompleto, não houve incidência de jovens com renda inferior aos pais.

No caso paterno, 64% dos 25 jovens com Ensino Médio Completo não possuem renda, 32% possuem renda igual ou superior e 4% não souberam informar a renda do pai (Gráfico 64). Os outros 8 jovens que contemplam a amostra do Ensino Médio Completo representam os que não sabiam a escolaridade do pai.

Gráfico 64: Ensino Médio Completo - Comparação da renda do jovem em relação ao pai, dado que o jovem possui escolaridade superior ao pai



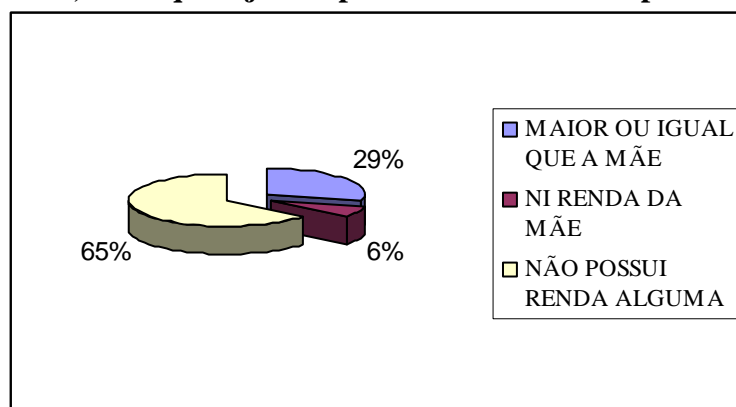
Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Com relação à renda das mães dos 31 jovens que possuem escolaridade igual ou superior à materna, encontrada no Gráfico 65, constatamos que 65% deles não possuem renda alguma, 29% possuem renda maior ou igual às mães e apenas 6% não sabiam informar a renda das mesmas.

Evidencia-se com esta análise o fato de que ao buscar uma maior escolaridade, os jovens acabam abandonando a procura por um lugar no mercado de trabalho.

Gráfico 65: Ensino Médio Completo - Comparação da renda do jovem em relação à mãe, dado que o jovem possui escolaridade superior a mãe



Fonte: Perfil Educacional e Ocupacional dos jovens de Acari (2005)

* Amostra de 177 questionários nas comunidades do Complexo de Acari – Elaboração Própria

Sendo assim, o Capítulo 3 ao analisar o questionário aplicado nas comunidades do Complexo de Acari constatou um perfil predominantemente de jovens adultos,

compreendidos na faixa etária de 20 a 24 anos, pardos, solteiros e nascidos na Cidade do Rio de Janeiro.

Na maioria dos casos há um número médio de 3 pessoas por domicílio e apenas 1 trabalhando. Em 57% das ocorrências o chefe do domicílio é homem, sendo na maioria das vezes o pai do jovem. A renda mensal familiar é de 1 a 2 salários mínimos.

Os jovens estudaram em sua maioria na rede pública de ensino e para ambos os sexos a maior ocorrência é do Ensino Fundamental Incompleto. A maior parte das mulheres deixou de estudar por causa da gravidez e para os homens a maior ocorrência foi por conta do trabalho. A escolaridade média dos pais dos jovens também é de Ensino fundamental Incompleto.

Em relação ao trabalho, 44% das jovens do sexo feminino nunca trabalharam, 27% estão desempregadas e 29% desempenham algum tipo de trabalho, mesmo que em condições precárias. Para os dados dos homens temos que 26% nunca trabalharam, 22% estão desempregados e 52% possuem algum tipo de trabalho, nas mesmas condições citadas acima. Mais de 80% dos jovens que trabalham começaram entre os 15 e 19 anos e destes, 48% ainda estão no local que lhes proporcionou a primeira oportunidade. Na maioria dos casos a ocupação se dá no setor de serviços.

No que tange a renda, 64% dos jovens não possuem nenhum tipo de rendimento, 16% ganham entre $\frac{1}{2}$ e 1 salário mínimo e 13% entre 1 e 2 salários mínimos. A renda dos pais não é muito diferente, sendo na maioria das ocorrências de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo também.

Na questão da mobilidade intergeracional percebe-se que mais de 65% dos jovens possuem escolaridade superior que seus progenitores. Se a comparação for feita pela renda auferida pelos jovens com escolaridade superior aos pais, temos que em média 62% dos jovens não possuem renda alguma, 26% possuem renda igual ou superior que os pais, 6% possuem renda menor que os pais e 5% não souberam informar a renda dos pais. Quando analisamos os níveis educacionais isoladamente, percebemos que à medida que a escolaridade

vai aumentando, vai crescendo o abismo entre os jovens e seus pais. No entanto, nada pode se dizer no que diz respeito à renda, já que independente do nível educacional, mais de 50% dos jovens não auferem rendimentos.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi traçar o perfil educacional e ocupacional dos jovens, nas comunidades Parque Acari e Vila Rica de Irajá, na Cidade do Rio de Janeiro, e através dos dados sobre seus pais, conhecer o ambiente em que vivem estes jovens.

Foi possível observar que a escolaridade dos jovens estudados, ou seja, os compreendidos entre 15 e 24 anos foi comparativamente superior a dos pais em todos os segmentos, e quando colocado em pauta o Ensino Médio concluído, a mesma foi de 100%, já que não houve entre os jovens entrevistados quem tivesse escolaridade inferior aos pais, mas um percentual de jovens que não sabiam informar a escolaridade deles. Já o que diz respeito aos rendimentos, observou-se que a maioria dos jovens não tinha rendimentos algum, sendo na maioria das vezes sustentados pelos pais. Começa a acontecer na favela, o que já vem acontecendo há algum tempo na “cidade formal”, as famílias começam a priorizar a educação.

O fato da maioria dos jovens estarem empregados no setor de serviços traduz as mudanças ocorridas nas últimas décadas no mercado de trabalho carioca. O pouco dinamismo da economia do Rio de Janeiro tem levado a precarização dos postos de trabalho e, neste contexto, a informalidade tem crescido, dificultando ainda mais o acesso dos jovens a postos de trabalhos condizentes com sua formação. No caso de Acari, a maioria dos jovens que possuem o Ensino Médio completo parou os estudos por ter que trabalhar, e trabalham muitas vezes por conta-própria, poucos são os que tiveram uma oportunidade. E mesmo com esta etapa concluída, não pensam em passar à próxima. Os que tiveram oportunidade auferem rendimentos iguais ou superiores que seus progenitores, evidenciando o fato de que em contextos de extrema pobreza a escolaridade pode romper com a pobreza.

A diferenciação dos rendimentos é pouco perceptível se comparado o bairro de Acari e a favela de Acari. Sendo assim, tornam-se importantes políticas públicas com foco não só na escolaridade, mas que agreguem oportunidades de trabalho aos jovens. As camadas mais pobres da população já estão cansadas de ganhar “migalhas” e reivindicam agora garantia de acesso digna ao mercado de trabalho.

ANEXO – Questionário utilizado na pesquisa

PARTE I. IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DO QUESTIONÁRIO	
Data da entrevista: __/__/____	Nº Perfil: _____
PARTE II. DADOS PESSOAIS	
1.Nome: _____	2. Qual a sua idade? _____
3. Sexo: 1. Masculino () 2. Feminino ()	4. Dentre as opções de cor ou raça, qual a que melhor o define? 1. Amarela () 3. Preta () 5. Indígena () 2. Branca () 4. Parda ()
5. Data de Nascimento: _____	6. Possui filhos? () Sim () Não Quantos? _____
7. Local de Nascimento (Cidade / Estado): _____	8. Posição na fratria: _____
9. Qual sua situação conjugal? 1. Casado () 2. Solteiro () 3. Viúvo, Viúva () 4. Separ./Divorc. () 5. Vive junto ()	10. Qual Sua Religião? () Católica () Espírita Não Tem () () Evangélico () Afro-brasileiras
II. 1 FAMILIA	
11. Com quem você mora? _____	
12. Quantas trabalham na sua casa? _____	13. A renda mensal da sua casa é: _____
PARTE III. ESCOLARIDADE, TRABALHO, RENDA E QUALIFICAÇÃO	
III.1. ESCOLARIDADE	
14. Você sabe ler e escrever? 1. Sim () 2. Não ()	15. Você estuda atualmente? 1. Sim () 2. Não () 3.() Nunca Estudou
16. Qual o seu grau de escolaridade (séries completas)? 1. Ensino Fundamental () ___Série 2. Ensino Médio () ___Série 3. Ensino Médio Técnico () Curso: _____ 4. Superior () Qual curso? _____	17. Por que motivo parou de estudar? _____ 18. Você estudou(a) em escola? 1. Escola Pública() 2. Escola Particular() 19. Qual a escolaridade de seus pais? Pai: _____ Mãe: _____
III.2. TRABALHO	
20. Condição de trabalho atual? 1. Empregado com carteira assinada () 2. Empregado sem carteira assinada () 3. Autônomo () 4. Associado ou cooperado () 5. Desempregado () 6. Nunca trabalhou () 7. Outra situação? Qual _____	
21. Você começou a trabalhar com que idade? _____	22. Este é seu primeiro Trabalho?() Sim () Não

23. Qual foi seu primeiro trabalho? _____	24. O que você faz no seu tempo livre? () Igreja () Estuda () Futebol () Bares () Assite TV () Baile funk () Show () Visita amigos () Shopping												
25. Em média quantas horas por dia você trabalha? Das _____ hs às _____ hs													
26. Quantos dias Trabalha na Semana ? De _____ à _____													
27. Qual a sua experiência profissional? <table border="1" data-bbox="121 566 1212 757"> <thead> <tr> <th data-bbox="121 566 397 645">Cargo/Função</th> <th data-bbox="397 566 764 645">Empresa/ Setor</th> <th data-bbox="764 566 1212 645">Tempo de Trabalho</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="121 645 397 678"> </td> <td data-bbox="397 645 764 678"> </td> <td data-bbox="764 645 1212 678"> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="121 678 397 712"> </td> <td data-bbox="397 678 764 712"> </td> <td data-bbox="764 678 1212 712"> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="121 712 397 757"> </td> <td data-bbox="397 712 764 757"> </td> <td data-bbox="764 712 1212 757"> </td> </tr> </tbody> </table>		Cargo/Função	Empresa/ Setor	Tempo de Trabalho									
Cargo/Função	Empresa/ Setor	Tempo de Trabalho											
28. Qual a ocupação de seus pais? Pai: _____ Mãe: _____													
III.3. RENDA													
29. Quanto você ganha com seu trabalho por mês? 1. Não possui renda () _____ 2. Até ½ salário mínimo () _____ 3. Acima de ½ salário mínimo () _____ 4. Entre 1 e 2 salários mínimos () _____ 5. Entre 2 e 3 salários mínimos () _____ 6. Entre 3 e 5 salários mínimos () _____ 7. Acima de 5 salários mínimos () _____													
30. Qual o sexo do chefe da família? () Masculino () Feminino	31. Situação do chefe da família em relação ao jovem? () O próprio () Pais () Cônjuge () Outro parente () Outra pessoa												
32. Qual a renda mensal de seus pais? Pai: _____ Mãe: _____													
III.4. QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL													
33. Você já fez algum curso profissionalizante? () Sim () Não Qual? _____													
34. Você já sofreu alguma forma de violência? () Sim () Não	35. Você já praticou alguma forma de violência? () Sim () Não												

Referências Bibliográficas

- ARIAS, A. R. **Avaliando a Situação Ocupacional e dos Rendimentos do Trabalho dos Jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década.** "In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*", Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd), 1998, Volume II.
- BARROS, R. P. de, HENRIQUES, R. e MENDONÇA, R. **Pelo fim das décadas perdidas: Educação e Desenvolvimento Sustentado no Brasil.** IPEA, Rio de Janeiro, Texto para Discussão n°. 857, janeiro de 2002.
- BARROS, R. P. de e MENDONÇA, R. **Os Determinantes da Desigualdade no Brasil.** IPEA, Rio de Janeiro, Texto para Discussão n°. 377, julho de 1995.
- BARROS, R. P. de; MACHADO, A.F. e MENDONÇA, R. **A Desigualdade da Pobreza: Estratégias Ocupacionais e Diferenciais por Gênero.** IPEA, Rio de Janeiro, Texto para discussão n°. 453, janeiro de 1997.
- BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R.; SANTOS, D. D. e QUINTAES, G. **Determinantes do Desempenho Educacional no Brasil.** IPEA, Rio de Janeiro, Texto para discussão n°. 834, outubro de 2001.
- BERQUÓ, E. **Algumas Considerações Demográficas sobre o Envelhecimento da População no Brasil,** (Trabalho apresentado no Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional: uma agenda para o fim do século). Brasília, 1996.
- CARNEIRO, R. **Desenvolvimento e Salário Mínimo.** "In: *salário Mínimo e Desenvolvimento*". Organizadores: BALTAR, P. DEDECCA, C. e KREIN, J, D. Unicamp, Instituto de Economia – IE, 2005.
- MADEIRA, F.R. **Recado dos jovens: mais qualificação.** "In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, v.2, maio 1998, p.426-496.
- MADEIRA, F.R. **Violência nas escolas: quando a vítima é o processo pedagógico.** São Paulo Perspec. vol.13 no.4 São Paulo Oct./Dec. 1999.
- MADEIRA, F. e BERCOVICH, A. **A onda jovem e o seu impacto na população economicamente ativa masculina em São Paulo** "In: *Revista de Planejamento e Políticas Públicas*". IPEA, n° 08, Rio de Janeiro, 1992.
- MADEIRA, F.R.; WATANABE, M.I. e ROSANDISKI, E.N. **Os jovens e o mercado de trabalho.** São Paulo, MEC, 1998, mimeo.
- MENEZES, W. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola.** Fundação Joaquim Nabuco, Trabalhos para Discussão n°.147/2002, agosto de 2002.
- _____. **Notas sobre a Inserção Socioeconômica de Moradores da Favela.** In: ABRAMO, Pedro (org.), *CIDADE DA INFORMALIDADE*/Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, FAPERJ, 2003
- OLIVEIRA, J. C., PEREIRA, N. O., CAMARANO, A. A. e BAENINGER, R. **Evolução e característica da população jovem no Brasil** "In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*". Brasília: CNPD, 1998, Volume I.

PERO, Valéria. **Discriminação no Mercado de Trabalho: o caso dos moradores das favelas cariocas**. Coleção Estudos da Cidade. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2004.

SABOIA, João. **O Mercado de Trabalho no Rio de Janeiro na Última Década**. Boletim da Social Democracia Sindical. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade - IETS, Agosto 2001.

SOARES, S; CARVALHO, L. e KIPNIS, B. **Os jovens adultos de 18 a 25 anos: Retrato de uma dívida da política educacional**. IPEA, Rio de Janeiro, Texto para Discussão n°. 954, junho de 2003.

SILVA, M. L. P. **Favelas Cariocas – 1930-1964**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

SILVA, J.S.; BARBOSA, J.L. **O sentido do trabalho informal na construção de alternativas socioeconômicas e o seu perfil no Rio de Janeiro**. Boletim da Social Democracia Sindical. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – IETS, Novembro 2001.

SOUZA, M. A. P. **As cores de Acari: uma favela carioca**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

VALLADARES, L. **A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.15, n. 44, 2000.

ZIBAS, D. M. L.; FRANCO, M. L. P. B. **Diagnóstico quantitativo do Ensino Médio no Brasil**. Textos Fcc, São Paulo, n. 12, p. 1-56, 1997.

Sites Consultados:

<<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 21 nov. 2006, 20h.

<<http://www.ujs.org.br>>. Acesso em: 21 nov. 2006, 21h.

<<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 nov. 2006, 22h.

<<http://www.faperj.br>>. Acesso em: 06 dez. 2006, 17h.

<<http://www.comcat.org>>. Acesso em: 06 dez. 2006, 18h.